

BRASIL-PORTUGAL

16 DE NOVEMBRO DE 1901

N.º 68

O actor ERMETE ZACCONI



Zacconi, o grande artista que está actualmente iluminando a península com o intenso brilho do seu talento, nasceu na Itália e pertence á escola dramática de Novelli e Emmanuel.

A sua maneira, porém, é mais aperfeiçoada, mais quintessenciada do que a dos dois grandes mestres. Tem d'elles a intensidade e o sentimento. Tem de seu a verdade e o realismo.

Com esses predicados, Zacconi é hoje talvez o primeiro actor da Europa, como o está demonstrando agora ao publico hispano-portuguez, ainda vibrando da commoção em que o deixaram hontem os dois artistas extraordinarios, que foram como que os iniciadores d'este extraordinario artista de hoje.

DEPOIS de trabalhosas negociações, umas poucas de vezes recomendadas, parece que finalmente se chegou entre a Inglaterra e os Estados Unidos a accordo com respeito á construcção do canal de Nicaraguá, mas também assim o affirmam o telegramma expedido ultimamente de Washington, se bem que ainda não haja até esta data os pormenores que sobre o assumpto de certo dará a imprensa de Londres.

A conclusão d'este tratado tem mais importancia do que á primeira vista parece, não só porque pôe termo á divergencia entre as duas nações anglo-saxónicas, que tanto estava irritando os animos sobretudo na America, mas também porque, máxime em vista da corrente da opinião publica inglesa a proposito de tudo quanto se refere á sua antiga colonia. Em toda esta questão do canal de Nicaraguá a Inglaterra não fez mais do que ceder sempre, sacrificando prudentemente as vantagens problematicas, que um antigo tratado lhe conferia, á mais real conveniencia de não dispersar as susceptibilidades da nação irml., — a outra metade do *english speaking world*, como do outro lado do canal se comprazem em chamar-lhe.

A historia do actual tratado é conhecida. Data de um século a primeira ideia da abertura do canal, que agora parece estar a ponto de realisar-se. Foi Nelson quem o recommendou ao almirante britannico. O presidente Clay enviou em 1825 uma expedição para em nome do governo dos Estados Unidos estudar a possibilidade technica da obra. Mais tarde, e havendo os trabalhos da commissão demonstrado a exequibilidade do empreendimento, o presidente Jackson propoz ao congresso americano a realisacão da obra.

Depois da annexação da California aos Estados Unidos o governo da republica do Nicaraguá concedeu a um grupo de capitalistas americanos a autorisação para a abertura do canal. Passou-se isto em 1842.

A Inglaterra oppoz-se á concessão, objectando que o canal construido exclusivamente por americanos ficaria *ipso facto* sob o dominio dos Estados Unidos, e que, portanto, a liberdade de commercio internacional, que a Grã-Bretanha reclamava inteira. Abriram-se então negociações entre os dois paizes, as quaes tiveram como epilogo o celebre tratado Clayton-Bulwer, assignado em 1851 e segundo o qual nenhuma das duas partes contractantes podia adquirir territorios na America central, nem tão pouco levantar fortificações ou exercer qualquer protectorado sobre o projectado canal. Ainda pelo mesmo convenio os dois signatarios se compromettiam a nenhum d'elles construir o canal sem permissoo do outro.

Assim continuaram as cousas, até que a crescente prosperidade economica dos Estados Unidos e a sua expansão cada vez mais accentuada, foram tornando cada dia mais obsoletas as clausulas restrictivas do tratado Clayton-Bulwer. Não tardou mesmo que os americanos as considerassem como humilhantes, e em opposição com a letra e o espirito da doutrina de Monroe. A agitação com o fim de destruir o tratado tomou então grandes proporções, e a Inglaterra julgou prudente não se oppor á revisão d'elle, como em 1899 lhe foi proposto pelo governo de Washington. O novo tratado negociado pelo sr. Hay, secretario dos negocios externos da republica americana e lord Pauncefote, embaixador da Grã-Bretanha, apesar de eminentemente favoravel aos Estados Unidos, pois lhes reconhecia o direito de construir e administrar o canal, e de ali exercer funções de policia militar, foi rejeitado pelo Senado norte americano. Evidentemente posto de parte o tratado Hay-Pauncefote ficava de pé o convenio Clayton-Bulwer. A Inglaterra, porém, e muito avisadamente, não quiz insistir no que era o seu direito estrito. Prestou-se a abrir novas negociações e é o resultado d'ellas que o telegrapho acaba de nos transmittir.

Depois de escripta a noticia acima a respeito do tratado anglo-americano, lemos no *Times* um artigo sobre o mesmo assumpto, no qual, porém se dão apenas como assentos as bases do novo convenio, e se deiza perceber que n'elle será incluída a clausula da neutralidade, não alludindo o correspondente do jornal londrino em Washington nem á fortificação nem á acquisição dos terrenos adjacentes ao canal, de que o telegrapho nos havia fallado. Quem estará melhor informado, a agencia ou o correspondente? Dentro em pouco o saberemos, se o presidente Roosevelt tiver a força necessaria para levar á final conclusão o que o fallecido Mac-Kinley com todo o seu prestigio não logrou arrancar á teimosia do Senado.

Dissemos por occasião do primeiro annuncio da nova pauta allemã, que a situação do chancelleur von Bülow ia encontrar-se em presença de um dilemma irreductivel: ou a sustentação d'essa pauta a todo o custo para captar o apoio do partido agrario, preponderante no *Landtag* prussiano; ou o seu abandono para não expor o país a uma desastrosa guerra de fazendas com as nações com as quaes a Alemanha mantém relações commerciaes. No primeiro caso, a posição internacional do imperio tornava-se excessivamente delicada e arriscava-se a politica allemã, para contentar as ambições de um partido sem escrupulos, a perder todas as vantagens das actuaes alianças, com tanto trabalho contrahidas pelo fallecido Bismark. No segundo a abrir-se na politica interna gravissimo conflicto com o partido que na Prussia é o mais firme sustentaculo da corôa dos Hohenzollern, podendo de semelhante lucta resultar perigosas consequências para a estabilidade das instituições.

A media que o tempo passa e que se aproxima o momento de apresentar ao *Reichstag* a pauta, que por ora é apenas simples projecto governamental, mais o dilemma aperta nas suas inexoraveis pontas o conde de Bülow, cuja demissão começa a parecer a muitos o unico desfecho da situação. Esta demissão porém não resolveria a questão em si, embora liquidasse a situação compromettida do mi-

nistro, que n'um momento vê toda a sua popularidade em risco de perder-se pelas malfadadas exigencias do partido agrario.

Este partido, com effeito, ameaça ostensivamente o governo com a sua forte opposição, se os seus desejos não forem satisfeitos. Mas o que complica de um modo inquietador a questão já de si tão delicada, é a attitudde não só de grande parte das associações commerciaes e industriaes, que organisam petições collossaes para levarem ao parlamento imperial contra a approvação do projecto da nova pauta, mas também dos governos estrangeiros, nomeadamente das duas nações que com a Alemanha compõe a Triplíce Aliança. Na Italia o sr. Crispien clarissimo dá a entender, que a recomposição da paz com as duas nações da Europa central está dependente da negociação com ellas de favoraveis tratados de commercio para a peninsula Oropa a pauta allemã, no caso de ser approvada, fecha a perspectiva de tal negociação, e portanto exclue a probabilidade de se renovar a aliança politica. A attitudde da Hungria ainda é mais enérgica e comminatoria. Por intermedio do ministro dos negocios estrangeiros commum, o conde de Munchowsky, fez o presidente do conselho de ministros húngaro, o sr. Szell, saber officiosamente ao gabinete de Bülow, que sob a base da pauta projectada a Austria-Hungria não fará tratado algum de commercio com a Alemanha, estando resolvida a adoptar promptas medidas de represalia, que serão o prologo de uma guerra de tarifas, cujas consequências economica e até politicas não é de se de se já facil prever.

É a situação interna e externa creada pela malfadada pauta, que o partido agrario conseguiu arrancar á nitidez da teimosia do chancelleur, o qual segundo todas as probabilidades será o bose expiratorio n'esta questão — verdadeiro beco sem saída em que o governo se metteu. O que mais está ainda contribuindo para acirrar os animos nos centros manufactureiros do imperio é a crise industrial, que cada dia se accentua mais e a correspondente depressão commercial e economica, que sem duvida se lhe ha-de seguir.

Por isso é interessante quando se lê o discurso do chancelleur, não tão máo quanto de fora, que o governo se prepara para fechar os mercados externos, os quaes como medida de represalia das demais nações passarão a ser abastecidos por outros productores? Pois quando se devia pensar em promover nova expansão á industria nacional em difficuldades, vae-se dar ensoje de facil triumpho ás industrias rivaes dos outros paizes, unicamente para satisfazer a insaciavel ambição de mais dominio de proprietarios feudaes da Pomerania? E a estas interrogações, que vão ficando mais e mais ameaçador, não é facil responder de modo satisfatorio. Diz-se que, cahindo em si perante a opposição que estava longe de esperar, o proprio chancelleur, o mais comprometido no assumpto, não vê com muito mais olhos o movimento de protesto, que á ultima hora lhe fornecerá um motivo plausivel para retrair o projecto, que os agrarios já consideravam como partilha ganha. Assim, em nome dos grandes interesses do imperio, o tratado Clayton-Bulwer, que o chancelleur sacrificou a sua obra, realisando uma retirada, senão inteiramente aerea, pelo menos até certo ponto justificada por altas razões de patriotismo. Resta saber se a sua situação pessoal resistirá a semelhante prova. Quer nos parecer que não.

Final, depois de diversas hesitações, e de um compasso d'espera, que já ia parecendo demandado longo, sempre se realisou a annunciada demonstração naval da França contra a Turquia, tomando o almirante Caillaud posse das alfandegas de Mitylene. Este acto violento da republica era inevitavel e logico, dada, por um lado a interrupção das relações diplomaticas entre os dois paizes, e pelo outro a resistencia da Porta em acceder ás reclamações do sr. Constans.

Suppoz-se de principio que a incomprehensivel teimosia da Turquia em acceder ás imposições da França, denunciasse a existencia de qualquer pacto occulto com uma das grandes potencias especialmente interessadas nos assumptos turcos. A linguagem, porém, de toda a imprensa europea, sem excluir a da propria Alemanha, veio bem depressa desfazer esta supposição. E' verdade que a opinião publica germanica não aceitou de muito boa vontade o acto de força do sr. Delcassé, procurando até alguns jornaes, como as *Noticias de Hamburgo*, metter-o a ridiculo. E' verdade, conforme o *Times* o fez, nota, que a imprensa allemã procurou incitar a Inglaterra a tomar, sob pretexto de que a convinha ao seu proprio interesse, manter o equilibrio do Mediterraneo, perturbado pela posse de Mitylene. Não é menos certo, porém, que a cautella, com que o governo francez procedeu, bastante contribuiu para conservar as potencias em tranquillidade expectativa. Evitou-se mandar a esquadra a Salonica em defezança á Austria. Não se tomou posse das alfandegas de Smyrna em attenção á Inglaterra. Não se pensou em nenhum porto da Asia Menor, para a imprensa allemã procurar incitar a Inglaterra a fazer, qualquer tentativa sobre Constantinopla para não ferir a Russia, que decreto por occasião da entrevista de Dunkerke deu o seu assentimento á demonstração projectada.

Apenas n'um ponto nos parece inexplicavel a politica do sr. Delcassé. Não ha duvida que o tsar cobria com a sua autoridade o recurso á força por parte da França para a liquidação das dividas noroando e Tubini. Cobriria tambem a exigencia da França para o restabelecimento do prestigio da Igreja latina no Oriente, o que evidentemente é contrario, por exemplo na Syria, aos interesses da Igreja Orthodoxa, que a Russia com tanto zelo promove e defende...

Á ultima hora chega-nos a noticia de que a Turquia accitou todas as imposições da França, decidindo esta reatar com o sultão as relações diplomaticas. *All is well that ends well.*

A Má-Lingoa



Eu não sei se nas outras terras a instituição da Má-Lingoa estará tão bem montada como cá... O Baderker passa por sobre esse importante assumpto como gato por braxas, e por isso quem atravessa a França, galga os Alpes, faz a *tournee* da Suissa ou visita os logares onde se deu o *Quo Vadis*, não fica sabendo se entre os grandes monumentos de pedra velha que admira se levanta tambem esse grande monumento que entre nós é tão typico, tão original e tão grande como o mosteiro dos Jeronymos ou o

Fado da Severa...

Não faço mesmo a minima idéa do que sejam duas *mises* a dizer, na lingoa do gingerbeer. — Ai, filha! Muito mal vestida vem hoje a Pires! — nem dos litteratos russos, á porta da Monaco de S. Petersburgo, a dizerem mal do Tolstoi porque elle tem a pouca vergonha de ter mais talento do que elles...

Imagino porem, dado o silencio dos guias sobre o assumpto, que a Má-Lingoa, organizada, mantida, enraizada e olhada como instituição, é uma coisa muito nossa e exclusivamente nossa!

A Má-Lingoa é effectivamente uma coisa solida, mesmo uma d'estas coisas raras de que entre nós se pode dizer: — Sim, senhores, bem montada!

Melhor do que o serviço dos correios, a galopinagem, os incendios ou a burocracia, a Má-Lingoa tem repartições, secções, serviço de correspondencias, serviço de verão e de inverno, rural e urbano, tudo admiravelmente montado, chegando a parecer, na disciplina e no apuro, uma instituição ingleza!

Acompanha todas as manifestações da vida nacional e não ha uma unica instituição entre Minho e Algarve que não tenha a sua secção addida de Má-Lingoa.

Toda a gente *suppá* que ella é apagação das Soisas, das Alves, das Ribeirois... Qual! Em todas as camadas, em todas as classes, em toda a parte, ella lá está, ironica, azedinha, com bico e cabellino na venta, dentes do Cesar A. Paiva, ancas posticas, *mitaines*...

Querem ver?

Sigamola. Lá entrou no Ministerio do Reino, vestida de azul e branco. E a *Má-Lingoa-Constitucional*:

— Meu caro amigo, eu ainda o conheci a escrever á raza no cartorio do Alves. E hoje vejo-o conselheiro de Estado, um dos principaes accionistas da Companhia do Gaz, *châlet* no Estoril...

Fala-se do ministro da fazenda que está. Quem falla é um ministro da fazenda que esteve e de quem um ministro da fazenda que ainda hade estar diz, quando elle sae:

— Pois sim! Fala dos outros mas esqueceu-se de dizer como foi que botou carruagem depois de ter estado no poder. Elle, que não tinha vintem quando foi para lá!

— Os onvintes sorriem, ironicos:

— Tudo a mesma cambada...

E quando o primeiro volta, a procurar as luvas que lhe tinham esquecido, atiram-se, pressurosos, a uma carteira onde ellas ficaram:

— Estão aqui, sr. conselheiro...

— Muito obrigada.

— Oh, sr. conselheiro!...

Adiante.

Lá vae ella agora, de manga de alpaca, por debaixo da Arcada. Vae assignar o ponto.

E a *Má-Lingoa de Secretaria*.

Má-Lingoa por cathedra. Os amanuenses dizem mal dos 2.^{os} officiaes, os 2.^{os} officiaes dos 1.^{os}; os 1.^{os} dos chefes de repartição...

Fala-se sempre de promoções escandalosas:

— Tudo empenhos, meu caro!

— Empenhos e mulheres...

— Effectivamente já ouvi dizer que a mulher d'elle...

— A's vezes essas coisas não são verdade, mas...

— Vê-se tanta pouca vergonha cá por este mundo!

E todos se abatem tristemente sobre os officios: «Deus guarde a

V. Ex.^{as}...

Subamos agora aos bairros altos. Uma redacção. Jornaes por toda a parte. Atmosphaera de tinta e adjectivos. Escreve-se com actividade. Os typographos esperam o original. *Má-Lingoa de grande circulação*...

O redactor politico:

— Os cervos do governo levam as ultimas entranhas da Fazenda publica! O povo paga. Os ministros engordam!

O redactor litterario:

— O auctor foi buscar a idéa do seu livro a um conto de Daudet, o estylo a Prerre Loti...

O critico theatral:

— Em resumo: a peça está posta com luxo, mas não tem origina-

lidade, nem situações, nem observação, nem espirito, e o auctor, embora um moço de talento, etc...

O reporter:

— Maria de Jesus vivia amancebada com Ignacio da Costa, a quem dava cinco tostões por dia...

Lá em baixo, no andar terreo, a machina Marinoni começa a suspirar.

Continuemos. Lá vae ella, de chaile e lenço, ao *atelier* do grande pintor, o Santos Pinto. Vae servir de modelo. Lá dentro uma roda de artistas, galanoria em risite, tira fumaças de *high-lifes* de meio tostão dose. Fala-se da ultima exposição. *Má-Lingoa Artistica*...

— E' boa! Como querem vocês que elle não apanhe sempre a medalha de ouro? Então para que é elle o professor da marqueira?

— Como ella e toda chegada ao paço...

— Pois ahí é que bate o ponto...

— E mesmo emquanto a originalidade...

— Eu já tinha visto a idea do quadro d'elle não sei onde...

— Tambem eu.

— E eu tambem.

E os artistas, tendo tosquiado o collega, ficam-se, de pernas es tendidas, a ver o fumo que se eleva, vagorosamente, por entre es quissos de telas e Apollos de gesso.

Entremos com ella na *soirée* das Nunes. Dança-se com *caterina*. Creados emprestados circulam com o chá. A Nunes mãe corre de visita a visita. Toda a gente lhe sorri: — Oh, D. Leonor, que amabilidade! — Não se incomode, D. Leonor! — A sua festa, D. Leonor, está um appetite! Um appetite! *Má-Lingoa a tres tempos*.

A um canto da sala. Duas valsistas:

— Oh, filha! Tu já viste a *toilette* da D. Leonor?

— Ai, filha! Parece uma catatua...

A outro canto. Duas valsistas:

— Esta D. Leonor, bem namoradinha, talvez...

— Ora, ora! A quem tu dizes?

Na mesa do *whist*:

— Mas onde vae o Nunes buscar dinheiro para estas festas, oh commendador?

— Dizem as máis-lingoas que o vae buscar á D. Leonor. Mas eu não digo nada, que não sou homem para essas coisas...

Aos domingos encontramos-a na missa do Loreto. Ireja a cunha. Toda a gente conhecida. O padre mastiga o seu latim. O ambiente parece o de uma perfumaria. *Má-Lingoa-Dominical*.

— Quem é que a Ignacia está a namorar hoje? Padre Nosso, que estas no céu...

— Hoje é o *Seixas* de infantaria. Santificado seja o vosso nome.

— Eu nunca vi uma descarada assim! Venha a nós o vosso reino...

— São os que teem mais sorte. Seja feita a nossa vontade...

— E nós ficamos para tias. Assim na terra como no céu...

A uma mesa do Suizo. Auctores sem editores e copos sem cerveja. Discute-se o poeta Assumpção, que chegou a vender 33 exemplares brochados e 15 encadernados da sua ultima obra. *Má-Lingoa em alexandrinos*...

Fala um parnasiano:

— O Assumpção ficou-me a dever 115000 reis...

Um symbolista:

— E dizem que tem certos vicios...

Um decadente:

— Quem sae aos seus... A mãe fugiu com um sargento da municipal...

Um romantico:

— E o pae emprestava a 10 % ao mez...

E os quatro, querendo demorar-se para que os outros não digam mal d'elles, batem com as badines na mesa:

— Rapaz! Traz um copo de agua.

Visitamos as portas cotadas — a Havanesa, a Monaco, o Suizo, as portas de egreja — onde se fala de quem passa. *Má-Lingoa ao ar livre*.

Sae da missa do Loreto uma mulher elegante, com um bebé pela mão e uma amiga ao lado.

A porta da egreja:

— Conheces?

— Não. Quem a conhece é o Alves. Foi-lhe apresentado ha oito dias.

A porta da Havanesa:

— Esta é que é a tal de quem se fala com o Alves?

— E', e creio que com razão...

A porta da Americana:

— Olha o do Alves...

— Bem boa! E o marido o que diz a isso?

— Ora! Faz de conta que não sabe...

A' porta da Monaco:

— Aquelle pequeno já é do Alves?

— Dizem que já...

A' porta do Gelo:

— Esta ainda está com o Alves?

— Ainda, mas já ouvi dizer que o engana com o Pereira...

A' porta do Suíço:

— Lá vai o do Alves e o filho.

— E o que é feito d'elle?

— Disseram-me que tinha ido para o Brasil por ter gasto tudo

com ella!
A mulher elegante chega á Avenida e encontra o Alves que lhe pergunta:

— De quem é este pequerrucho?

— É filho de minha irmã.

— É vossellencia, quando se casa com o Sousa?

— Para o mez que vem, se Deus quizer.

E quando elle se afasta, a amiga pergunta-lhe:

— Quem é?

— Um fulano de tal Alves, que me apresentaram ha oito dias.

Enc.

Seria preciso cem volumes para descrever todas as *nuanças* da Mã Lingoa lusitana, todos os aspectos que ella apresenta, desde o baile campestre ao *raout* diplomatico, da Allama á Lapa, do palacio á taberna, do 4.º andar do Nunes ao *boudoir* da viscondessa...

A Mã-Lingoa é que dá colorido ás *soirées*, animação ás praias, gente aos cafés, publico aos passeios! Quando a conversa cae, basta ella apparecer, e as cadeiras chegam se mais, os grupos concentram-se, as respirações susteem-se... Ella é a alma, o nervo, a base da nossa Sociedade!

A iniciativa tem-lhe medo, a boa vontade treme diante d'ella! Digam a um rapaz de talento: «— Escreve.» Responder-vos ha que tem medo da Mã-Lingoa. Os pintores não trabalham. So ha a Mã-Lingoa para os apreciar... Os actores temem a, os politicos fogem d'ella, os industriaes temem lhe terror!

Quando alguém se destaca do geral, — mulher por ser bonita, homem por ser notavel, — a Mã-Lingoa começa a tecer-lhe em roda a sua teia, a manietal-o, a enodol-o, a infamal-o, a despi-l-o da sua aureola...

Por isso... olhae em redor de vós. O que vêdes? O que ouvides dizer? Que todas as mulheres bonitas são umas infames, todos os grandes artistas um bandalhos, todos os grandes politicos uns vendidos, todos os homens de iniciativa uns especuladores...

Em ninguém se cre, ninguém serve, ninguém é digno.

Só uma entidade continua a ser respeitada, adorada, em todos os tempos, por todos os *clerics*, nas carruagens dos ministros, nos bancos das tabernas, nas assembleias dos clubs.

E' ella, a Mã-Lingoa, com os seus dentes postigos, a sua cara esverdeada, o seu buço a apontar e os seus modos de parteira approvada pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa!...

ANTONIO BANDEIRA.



O conde de Farrobo



OMO Pompeu, antes de Pharsalia, affirmava vaidosamente que lhe bondaria bater com o pé no solo italiano para surgirem as legiões, assim também o conde de Farrobo poderia, ha cincoenta annos, affirmar que lhe bastaria bater com o pé no solo portuguez para fazer brotar o dinheiro para o seu luxu rothschildiano, para as suas festas esplendorosas, ás quaes soube imprimir *la griffe du lion*, e que tiveram um cunho de superioridade e de grandesa inegalaveis. Essas festas magnificas evocavam — não sabemos por que mysteriosa correlação — as mais notaveis edades do luxu triumphant, estrictente: o Egypto dos Pharás, quando elles ainda cingiam a coroa branca e vermelha do Alto e Baixo Egypto, e nos seus palacios, afogados n'uma luxu egypte, passeavam pomposas as amantes, retocadas a collirio; o Egypto da esthetica Cleopatra, essa franduna classica, que, depois de haver accendido o amor mais profundo e implacavel que a historia nos legou, cahiu, arrastando após si um mundo; a Persia dos Achéménides, quando esse epileptico de Cambyses usava a thiará azul e branca e o fato bipartido de escarlate e branco, bordado de aguias e falções de prata; a Assyria dos Sargónidas, de uma opulencia despotica, violenta, exuberante; a Babilonia de Semiramis, com a sua pompa barbara, victoriosa, epica; a Hellade azul, em que Pericles podia, todas as manhãs, aos deuses

não a sabedoria, mas a elegancia de linguagem, e em que Alcibíades impressionava as almas femininas como um acido faz erosões sobre uma placa de cobre; a Roma do celebrisado peralta Cesar, em que davam a nota coruscante da elegancia os Celios, os Catullos e os Dolabellas — atheus do amor que folgavam por Beatrias e Tusculum em companhia das pólhias irritantes como especiarias levantinas, das Clodias de tunicas rigidoras como um chamamento ás armas. Evocavam ainda a Italia da Renascença, quando Leão X dava os esplendidos saraus no Vaticano e quando Luciano trasladava á tela o *bouquet rosa* e branco da carne das amantes dos principes, e Paulo Veroneso — embecendo o pincel nos matizes das lagunas venezianas — alcatifava as marmoreas escaletiras dos palacios com sedas, velludos e brocados de oiro; a França artista e cortezá



Retrato do CONDE DE FARROBO aos treze annos

da Du Barry, da Pompadour, de Boucher, de Boule, de Coustou, das festividades perfumadas a *iris de Florença* no Trionan e em Versailles, das *soirées* da espiritosa Madame de Tecin, das quadrilhas de proverbios em casa de Madame de Crenay, das ceias do Palais-Royal e da condessa de Custine, em que a malevolencia recalcava suas setas e fazia avincar o sobrecheco aos moralistas inquebrantaveis.

Joaquim Pedro Quintella do Farrobo, 1.º conde de Farrobo por decreto da regencia do duque de Bragança em 1833, 2.º barão de Quintella, par do reino, segundo alcaide-mór da villa da Sortelha, grã-cruz da ordem da Conceição e commendador da de Christo, inspector geral dos theatros e espectaculos publicos, coronel de cavallaria nacional de Lisboa, abastado proprietario e capitalista, nasceu em Lisboa aos 11 de Dezembro de 1801. Casou, em primeiras nupcias, em 1819, com D. Marianna Carlota Lodi, filha de Francisco Antonio Lodi, antigo empresario de S. Carlos, e em segundas nupcias, com D. Maria Magdalena Pinault. O pae do conde fôra primeiro barão de Quintella, por decreto do Principe Regente, em 1805. Era negociante de grosso trato, grande capitalista, contractor dos Contractos Reaes do Tabaco, dos diamantes, do azeite de peixe e de balnea, das fabricas de lanifícios da Covilhã e do Fundão, conselheiro honorario da Real Fazenda, etc. Teve tres filhos: o conde de Farrobo, a condessa da Cunha e D. Joaquina Rosa, filha natural, mas legitimada. A' primeira, dotou-a com duzentos e quarenta contos de réis, em vinculo; á segunda, com quarenta e oito contos de réis, tambem em vinculo; e a seu filho legou, segundo se dizia em 1817, uma fortuna de quatorze milhoes de cruzados em predios e outro tanto em numerario, ou sejam onze mil e duzentos contos de réis fortes. Instituiu um morgado, a que vinculeu varias propriedades no valor de quatrocentos e vinte e quatro contos de réis, e a que depois juntou a terça dos seus bens, tendo por cabeça a grande quinta do Farrobo, no termo de Villa-Franca de Xira. (1)

O primeiro casamento do conde de Farrobo foi cercado de peripeccas romancescas. Não fallaram as opposições dos tutores, as escapecas nocturnas, a perquisição dos espiões, o demo a quatro! Os condos da Cunha pediram a Sua Magestade, em 1817, para que o Lodi fosse chamado á presença do monarcha a fim de que este o "incurpasse mal asperamente, pela suggestão e alliciação com que procurava illudir o menor, "conviciando-o para lautos banquetes e dispendiosos festinas, Desembestavam-lhe outros virótes contunden-

tes como facadas: que fira barbeiro e cirurgião de embarque, antes de ser empregado de S. Carlos, e que até se dizia ter casado com uma comica. Effectivamente, Lodi foi chamado, e comprometteu-se a não receber mais a visita do Quintella, sob pena de ser expulso do reino no prazo de vinte e quatro horas! Mas o Quintella, que vivia no encanto luminoso dos sonhos da mocidade, continuou o namoro, com todo o calor nervoso de um apaixonado, de *più forte in più forte* como a rabeça de Paganini. Em 1819, entrava em campo a espionagem. Um sapateiro espiava-lhe os passos, uma mulher vivia a porta de Lodi, no 1.º andar (2.º No dia 16 de Janeiro observaram que elle passara alli, a cavallo e de criado atraz, dirigindo-se ás Laranjeiras, e que a menina Lodi sahira de sege com o irmão, e só recolhera á noite; que no dia 21, ella e o irmão haviam ido ao espectáculo de S. Carlos; e que no dia 24 foram ambos para a quinta do Pinheiro, onde o Quintella ordinariamente se lhes juntava. O espião mettia-se de górra com os creados do barão, esgueirava-se como os sapateiros saxatês, a fim de espiar os pormenores do namorico. Apesar de todos os entranhas, todos os pinguilhos e todas as niquices, o Quintella e D. Marianna Lodi uniram-se pelos sagrados laços do matrimonio em 1819.

Os serviços que o conde de Farrobo prestou á causa liberal foram relevantissimos. Sem a sua assistência monetaria, de certo teriam naufragado as generosas aspirações de D. Pedro IV, que viu combater os seus sensores do throno e do altar. Sem o auxilio dos seus cofres, de certo que o duque da Terceira não teria feito scintillar a sua nobre espada ao sol do dia 24 de Julho, entre as aclamações dos populares, que — de laço azul e branco no chapé e ramo de perpetuas ao peito — o acompanharam do Terreiro do Paço ao Rio, gritando, exaltados pela nevrose do enthusiasmo: *Viva a liberdade! Viva a Senhora Maria III!* Sem o adimincio dos seus capitães, de certo que não teria a rainha entrado no Porto em 1834, elegante, vestida á amazona, bella como se trouxesse em si toda a magnificência da primavera, linda sob o duplo diadema da realza e da formosura, na flor e no perfume da mocidade, na florescência das graças.

Exactorado de todas as regalías e de todos os privilegios, Joaquim Pedro Quintella foi intimado a sair de Lisboa no prazo de vinte e quatro horas em Abril de 1832. Então, tocou de alto aos seus bens a favor de Lord William Russell, e de se homiar em casa de Diogo Carlos Duff, (3) na rua do Prior, N.º 10, como que o recebeu a pedido de José Maria O'Neill. Tomou o nome de Mr. Smith. O governo miguelista chegou a oferecer avultadas sommas a quem descobrisse o seu cadóz, que só era conhecido de tres pessoas: o criado João Allemão, Ignacio Hirsch e o catreiro Joaquim. Por esse tempo, voltou a Lisboa o cunhado do Quintella, Fortunato Nelli, o mesmo que se chamava Fortunato D. M. de Almeida em Roma, onde tinha *atelier*, e de onde fugira esgoetado pela perseguição do cardeal Albani, cuja amante requesgata. Chegando a Lisboa, não encontrou seu cunhado, e teve de se refugiar em casa da Magdalena Caleri, que foi, volvidos annos, mestra das costureiras de S. Carlos. (4)

As circumstancias do exercicio sitiado no Porto tornaram-se criticas: o governo constitucional, por falta de meios, não podia pagar as soldadas á tripulação da esquadra, que Sartorius fizera arribar a Vigo. Aos officiaes e á tropa, deviam-se dez mezes de vencimento. (5)

Lord William Russell — encarregado pelo governo inglez de vigiar os actos do governo miguelista — mandou chamar Francisco Lodi, e declarou-lhe que estavam perdidas todas as esperanças de vencimento dos liberaes, á vista do que era um dever avisar o Quintella, para não sacrificar a sua fortuna a favor de uma causa, que se podia reputar como perdida. (6) O Quintella ainda tentou realizar um empréstimo por subscrição, que chegou a atingir a elevada cifra de um conto e quinhentos mil réis!

Ouçamos agora o depoimento de uma testemuha presencial, (7) que nos vem contar o que se passou então na casa onde o Quintella se refugiava. Era noite. Na chamada *sala amarela* do palácio da rua do Prior, estavam, junto ao fogão, tres cavalheiros: o dono da casa, José Maria O'Neill e o barão de Quintella. Um pouco mais distante, viu-se Roberto Duff e as irmãs. Domenico Duff e Francisco José de Almeida entraram e participaram o resultado sovina da subscrição. Todos se quedaram attonitos, sentia-se a deliquescência das vontades, a todos parecia que a duvida sacudia a ancora das suas mais intimas convicções. O'Neill, com voz sentida, só profere: — Está todo perdido! — Passado algum tempo de profundo silencio, disse o dono da casa: — Parece incrível que não haja um portuguez, que faça um sacrificio para salvar a liberdade do seu paiz! Uma nação, onde tal accoente, não é digna de a possuir! Mas o barão de Quintella objectou immediatamente: — Engana-se, sr. Duff. Ha um portuguez que está prompto a sacrificar-se para salvar a sua patria e os seus amigos: e esse portuguez sou eu!

Mal isto se ouviu, a alegria rebelhou nos rostos dos presentes. Pouco depois, Joaquim Pedro Quintella assignava letras sobre o seu correspondente londrino, John Gore. Estava salva a liberdade em Portugal!

Motivos variados obrigaram o barão de Quintella a sair para bordo de uma nau ingleza, fundada no Tejo, para onde se dirigiu, disfarçado em officia de marinha britannica, e acompanhado por senhoras e officiaes inglezes. Então, organou-se um telegrapho de signaes, por meio de bandeiras, entre o mirante do seu palácio na rua do Alceirim e aquelle navio. Por elle se communicavam as noticias liberaes á familia do Quintella e aos seus amigos. De bordo

do vaso de guerra vinham as ordens do barão, que eram depois transmitidas a O'Neill, ao De Roure e ao Timotheo Verdier.

Tal foi o altissimo papel desempenhado pelo conde de Farrobo na implantação do systema representativo em Portugal. Esse atbenhese era um spartano, esse epicurista era um patriota! E como é que a patria pagou aos seus successores? Concedendo ao segundo conde de Farrobo a pensão de um conto e duzentos mil réis, pensão que . . . nunca foi satisfeita. As apreciações do facto pertencem á historia, mas á historia imparcial como a justiça, á historia que é feita com esse cálcimo de chumbo, que se chama o buril de Clio.

O conde de Farrobo sobreviveu mais na tradição oral por causa das suas festas delubrantesimas no palácio das Laranjeiras, palácio que constituiu o santuario da Lisboa mundana, do patrio da nacional, da elegancia superlativa. Como na Grecia antiga se ia a Delphos para consultar o oráculo — solemne no hieratismo da *pose* apollinica — também a Lisboa de 1840 corria áquelle centro para receber a palavra de ordem do tafulo. O pó da estrada das Laranjeiras é feito de recordações! . . . Nos balles deliciosos d'essa casa reuniam-se todos os que cumpriam os ritos obrigatorios da elegancia lisboeta. Ah, a casaca azul e o collete amarello dos Werthers cruzavam-se com a casaca verde-bronze e o collete de setim bordado a flores de ouro dos Célados alfaiacinas; a gracil flexuosidade das senhoras vestidas pela Levaillant e penteadas pelo Hilaire ou pelo Henri cruzava-se com a gracil rigidez das senhoras vestidas pela Lombré e penteadas pelo Philibert ou pelo Godofroy. Ah! floream os hierophantes da moda, habéis e rapidos nas concepções como Condés de saião, onde, por vezes, se lhes deparava tambem a sua Rocroi. Ah! regiravam verdadeiros caprichos coreographicos, que pareciam cantar a melodia da linba, as mais leveiras valistas do tempo, entre as quaes se soberanisou D. Marianna Saladinha da Gama, filha dos grandes viscontes de Alcaide, contrava Madame Rolland, o sorriso á la imperatriz da formosura da bella actria franceza da Rua dos Condes, que mereceu particulares deferencias ao conde de Farrobo, e a sua successora n'essas deferencias, Mademoiselle Clará, (8) a gentilissima bailarina que tanto obrigava a manobrar os aparelhos de optica dos satyros esmerilhados da plateia de S. Carlos. O borboletear luminoso das serpentinaes espalava um nevoeiro de prata; a luz estrellada dos lustres debrava um nevoeiro de asperdas das grandes damas, e a luz do sol e de verniz copal. E esta proximo de luz ia a polir physionomias de uma brançura de marfim como a das neridas de Rubens, espadas que pareciam brundidas a cylindro, braços de deusas mecedoras de ser servidas em baixelas de ouro e de esmeralda, carnações que se diriam cortadas nos veios brancos das agathas e que luziam no hiatus dos decotes, molduradas pela casta frescura das rendas; demudava os *moires* em koalhas de phosphoro; fazia arder as pedrarias n'uma polvorosa effluvia, e fazia reluzir decias estranhas aos espelhamentos setinicos dos vestidos rastoilhados das damas e aos pitilhos anilados dos janotas, que representavam, por hereditariade recorrente ou atavica, a perfumada tradição dos grandes elegantes historicos.

Em volta dos convidados a essas festas amaveis, parecia voltar a sombra d'esse encantador sorriso, que durava pouco, e que, palpitou sobre tão lindas bocas, e que desapareceu, para sempre, com a alma da rainha Maria Antonietta. . .

No theatro das Laranjeiras, que o conde de Farrobo fundou em 1830 e restaurou em 1842, desabrocharam muitas vocações artisticas, brilharam os nomes mais *haut-sonants* do armorial da Arte. A leitura das peças e os ensaios preparatorios realisavam-se no palácio da rua do Alceirim; os ensaios de conjuncto, sob a direcção de Duarte de Sá, faziam-se nas Laranjeiras. O parque annexo a esta propriedade, com a sua celebrada *menagerie* e o jardim delineado pelo jardineiro Pierre Maurier, era um primor. E nas zinas do verão, quando o céo diluia turquezas e o sol esparrinhava brilhantes, parecia que os vedes loureciam com tons ligeiros de ambar, e que, sobre hastas de esmeralda, floresciam amethystas, topazios, saphiras e coraes — toda uma ourivesaria odorifera. . .

Toca-nos rebetar aqui uma asseveração gratuita de um escriptor muito illustre. Oliveira Martins, ao descrever a epoca immediata ao advento do regimen constitucional, diz no *Portugal Contemporaneo*: — "Trocou-se o Evangelho pela Liberdade; o sermão pelos discursos de S. Bento; as processões pelas dansas nos Tivolis; os leitores das peças e os ensaios preparatorios realisavam-se no palácio da rua do Alceirim; os ensaios de conjuncto, sob a direcção de Duarte de Sá, faziam-se nas Laranjeiras. O parque annexo a esta propriedade, com a sua celebrada *menagerie* e o jardim delineado pelo jardineiro Pierre Maurier, era um primor. E nas zinas do verão, quando o céo diluia turquezas e o sol esparrinhava brilhantes, parecia que os vedes loureciam com tons ligeiros de ambar, e que, sobre hastas de esmeralda, floresciam amethystas, topazios, saphiras e coraes — toda uma ourivesaria odorifera. . .

Toca-nos rebetar aqui uma asseveração gratuita de um escriptor muito illustre. Oliveira Martins, ao descrever a epoca immediata ao advento do regimen constitucional, diz no *Portugal Contemporaneo*: — "Trocou-se o Evangelho pela Liberdade; o sermão pelos discursos de S. Bento; as processões pelas dansas nos Tivolis; os leitores das peças e os ensaios preparatorios realisavam-se no palácio da rua do Alceirim; os ensaios de conjuncto, sob a direcção de Duarte de Sá, faziam-se nas Laranjeiras. O parque annexo a esta propriedade, com a sua celebrada *menagerie* e o jardim delineado pelo jardineiro Pierre Maurier, era um primor. E nas zinas do verão, quando o céo diluia turquezas e o sol esparrinhava brilhantes, parecia que os vedes loureciam com tons ligeiros de ambar, e que, sobre hastas de esmeralda, floresciam amethystas, topazios, saphiras e coraes — toda uma ourivesaria odorifera. . .

Abordamos agora um capitulo especialissimo das diversas do conde de Farrobo. E as caçadas. Todos sabem que elle era um caçador emérito, cujo fuzil tinha a reputação de figurar sempre com uma cifra elevada de peças de caça na estatistica cynegética. Todos sabem que elle era um *shooter* certo, um atirador eminente nos tiros *dobles* e nos *atravesados* ou de *passagem*, para o que possuia magnificas espingardas, duas das quaes ainda existem — uma na

posse do sr. dr. D'Korth, e outra em poder do sr. Carlos Pedro Quintella, filho do conde de Farrobo.

Foi o conde de Farrobo quem introduziu, em Portugal, os primeiros cães *setters*, que vieram substituir os *navarros*: foi elle, tambem, quem primeiro tentou acclimar, no nosso paiz, o faisão doirado e a perdiz cinzenta. Além da propriedade do Farrobo, tinha varias casas para descançar dos prazeres cynegéticos: na Esperança, para a caça das codornizes; em Samora Correia, para a caça das galinholas; afóra outras no Alemenjo. Da quinta do Farrobo para Samora, faziam-se signaes por meio de bandeiras. O conde de Farrobo ia, muitas vezes, para o palacio da Gondola, em Azambuja, onde havia uma *guiga* destinada a transportar o á caça das narcejas e dos patos na valla. Foi grande caçador de porcos bravos e o mais notavel caçador de lebres que tem havido entre nós. Deixou, porém, de se entregar a este genero de caça em consequencia de um desastre que lhe aconteceu. Chapou se o cavallo em que montava, e teve de ser levado gravemente ferido e sobre troncos de arvores, para a sua quinta do Farrobo, episodio que foi logar a que o pintor Fonseca reproduzisse em quatro quadros todas as pessoas que assistiram ao acto.



CONDE DE FARROBO vestido á caçadora

As suas *partidas venatorias* — que eram notadas por uma das suas filhas em livro especial — presidia o conde, trajando *very sport*, a caçadeira á escoceza, o bonet de pelles e as botas altas. Mantinha sempre uma disciplina de ferro. Podiam violar-lhe as praxes *salomonias*, mas contravir-lhe os regulamentos cynegéticos lavrava mais fino. E porque tinha uma alma do Sul, uma d'essas almas onde perpetuamente faz sol, gostava de associar o povo ás suas diversões. Conta-se que, n'uma caçada, seguida de festa, que dera no Farrobo, fizera queimar um fogo de artificio custosissimo, fabricado por um pyrotechnico estrangeiro, vindo expressamente. Os povos circumvizinhos acudiram e penetraram na quinta, estuando-lhe avultada quantidade de uvas. O caheiro correu a avisar o conde, e disse-lhe que a multidão, ansiosa de ver o fogo de vistas, já lhe estragara, talvez, nove ou dez pipas de vinho.

— 'Pois bem, respondeu elle. Quando tiveres a certeza de que estragaram as nove ou dez pipas, vem-m'ó dizer.

Assim cortava o conde de Farrobo a existencia, ao galope desordenado da sua phantasia irrequieta; assim era arrastado n'esse *Gulf Stream* do capricho; assim afirmava seu fausto do mesmo

passo que manifestava seu posto; assim fulgurava nos céos do luxo indigena uma estrella, da qual os astrónomos mundanos já mais determinaram a parallaxe.

Então, estava-se ainda como nos quadros repousados de Moore, em que o mar da Mancha apparece sereno, n'uma tonalidade rubenesca, docemente filamentado de esmeralda, o céo profundo e azul-turquesa, as libotas rebrilhando n'um esmalte de coral-rosa, os banhos de areia scintillando n'um brilhantismo de ouro. Vinham ainda distantes, muito distantes, as tintas sombrias de Rembrandt.

Sully Prudhomme pinta, no mimoso poema, a *Falsa*, toda a tristeza dos salões, quando o piano fechado emmudece, e os pares desaparecem, um de pós o outro. Os espelhos embaciam-se e choram grandes lagrimas de sombra; a alma dos perfumes, exhalada dos cabellos e dos decotes torcidos, fluctua melancolicamente sob os tectos artesoçados. Pensamos n'estas coisas, quando nos lembramos que a roda da voratil Fortuna entolha todas as esperanças do conde de Farrobo, como se quebra um apparelo de chá n'um momento de mau humor. Devia ser bem triste volver os olhos para o passado, e ver boiar, á superficie das suas recordações, o cadaver da sua mocidade, corroído pela verminha dos desgostos.

Devia ser bem triste ver-se semelhante áquelle a quem o Destino persegue, como a Fatalidade antiga nas tragedias, e para quem a Morte é uma libertadora. *Ventura de fea y dicha de necia*, assevera o refran castelhano. E isso explicita, de algum modo, a desdita do conde. Deus do céo! Superiorisar-se como o mais opulento da sua epoca, *subir ao Capitólio*, ser lisonjeado por tantos mezureiros que depois o abandonaram com desprimor, para chegar ao lim da vida, e, quiçá, repetir com Marco Aurelio: — Fui tudo e vi que tudo era nada!...

PINTO DE CARVALHO (*Tinop*).

(1) Uma das propriedades do Quintella, a quinta da Charreada, ao N. de Santarém, veio a caber na legitima de seu neto, Francisco Quintella, que recebeu o titulo de visconde da Charreada.

(2) Francisco Antonio Lodi morava no largo do Pelourinho, 22, 2.

(3) Diego Carlos Dafl era socio da casa Fitzgibbon, French e Dafl, negociantes de vinhos desde 1789. Sua esposa, D. Maria Barbosa Dafl, foi uma das senhoras mais amáveis da sociedade libeada dos principios do seculo passado.

(4) Devemos estas informações ao fallecido Manoel Machado, que foi empresario do theatro do Gymnasio e companheiro de viagem de Fortunato Lodi.

(5) Antonio Vianna. *Documentos para a historia contemporanea*.

(6) Carta de Francisco Antonio Lodi no *Jornal do Commercio* de 26 de setembro de 1869.

(7) Francisco José de Almeida. *Apontamentos da vida de um homem obscuro*.

(8) As pernas de Mademoiselle Claré, que tinham a gailha dos marmores praxiteleanos e a curra dos arabescos vivos, foram modeladas em ferro. O modelo esteve, largos annos, no guaril-roipa de S. Carlos, até que se quebrou e desapareceu.

(9) *Portugal Contemporaneo*, vol. II, pag. 17.

A indulgencia é uma das faces da sabedoria e uma das forças da vida.

H. DE LA POMMERAYE

Fazer bem vale melhor que fazer barulho.

H. CHANTAVOISE

Pessimismo theorico, optimismo pratico: quanto mais se crê o homem imperfeito, menos nos espantam as fraquezas do individuo.

Os pequenos defeitos não são a vaccina dos grandes.

G. M. VALTOUR

O mais enghoso dos paradoxos nunca ha de valer a mais vella das verdades.

GUSTAVE PLANCHÉ

O jogo é uma cousa terrivel: faz medo é por isso que o adoram.

A. FRANCK

Expansão Colonial

Sob este título iniciamos hoje uma serie de artigos devidos à penna habilissima do sr. general de brigada conselheiro Claudino Carneiro de Sousa e Faro, que actualmente gere com superior distincção a roça Agôa Izé, na ilha de S. Thomé.

O sr. general Faro, que é muito conhecido de todos aquellos que se occupam de coisas ultramarinas, principalmente no ramo especial de obras publicas, é um dos mais habéis, activos, sabedores e patriotas funcionarios superiores que tem ido ao ultramar, e tem o seu nome ligado a muitos dos principaes melhoramentos materias de algumas das nossas provincias d'além mar.

Serviu como engenheiro nos quadros de Cabo Verde, de Angola e S. Thomé, como director d'obras publicas, e tambem como inspector nas duas costas africanas, situação da mais alta confiança naquelles ramo de serviço publico.

A grande ponte caes, no porto da Praia da ilha de S. Thiazgo de Cabo Verde, uma grande ponte de madeira sobre o rio Lucalla, na provincia de Angola, uma outra ponte de pedra sobre um rio de leito profundo, em Africa são devidos à iniciativa e habil direcção d'este infatigavel e intelligente engenheiro.

Como autoridade administrativa, tambem o general Faro deu as mais subidas provas de competencia, exercendo com inextinguivel acerto o lugar de secretario geral da provincia de Moçambique, o de governador do districto de Inhambane, onde a sua iniciativa fecundante deixou brillantes vestigios da sua passagem, e o de encarregado do governo local, em ausencia do governador. O relatório do sr. general Faro sobre a defesa da bahia de Tanque e de Cabo Delgado é um documento de alto valor e que só por si faria a reputação de um funcionario ultramarino, de um reflectido administrador e de um militar conhecedor da sua profissão nobilissima.

Fica assim a largos traços apresentado o nosso novo collaborador, cujo retrato publicamos, e vamos dar-lhe a palavra, certos de que a impressao que elle deixará no publico ha de ainda exceder a nossa apreciação.



Conselheiro CLAUDINO CARNEIRO DE SOUSA E FARO

General de brigada

A FUNDAÇÃO das primeiras colonias, levada a effeito pelo genio empreendedor ou aventureiro de alguns povos antigos, é um dos successos mais notaveis de que pode gloriar-se a historia d'estes paizes, e sem contestação um dos maiores serviços por elles prestados à causa da humanidade.

Fosse qual fosse entre os Phenicios, Gregos, Carthaginezes e Roma-

nos, povos iniciadores do movimento colonial, o pensamento a que obedeceu o estabelecimento das suas primeiras colonias, quer fosse a necessidade imperiosa de alargar o seu commercio, abrindo novos mercados aos productos da sua industria, quer a aspiração, por certo legitima, de ampliar os seus dominios, aumentando a zona da sua influencia territorial, ou ainda a simples ambição d'uma conquista politica, os grandes successos dos nossos dias, principalmente, após cruezes intermitencias de duvidas e hesitações de todos os tempos, se tem encarregado de mostrar a toda a luz, com a pasmosa eloquencia dos factos, superior à dos melhores argumentos, que a proporção que as colonias se formam e se robustecem, a civilisação, com os seus principios de humanidade, encontra n'ellas campo vasto para exercer a sua propaganda salutar. D'ella provém, com effeito, o saneamento moral de certas populações, arrastando inconsistentes uma existencia inutil, e muitas vezes prejudicial ao bem estar commum, com todos os horrores da vida animal, nas trevas da mais lastimavel ignorancia e selvageria. No grande concerto mundial eram estas tribus, enquanto se mantiveram isoladas do convívio social, manifestas inutilidades, ao passo que pelo seu trato com os povos civilisados ellas se tornaram factores importantes da riqueza publica, auxiliares poderosos da vida em commum.

Como se sabe, a colonisação propriamente dita, não estende as suas raizes atravez de muitos seculos. O descobrimento do caminho maritimo para a India que, a par do assombro causado por tão brillante feito, produziu no mundo uma revolução social, politica e economica; o descobrimento do Brasil, que se lhe seguiu a breve trecho como continuação do mesmo heroico esforço, e a occupação politica d'estes vastissimos territorios, que os navegadores portuguezes com os seus

galeões por mares nunca d'antes navegados, segundo a phrase consagrada, abriram ao commercio da Europa e do mundo, são os marcos mais notaveis d'essa grande epoca de navegação e conquista colonial.

Não é de mais, certamente, recordar aquelles que se não pejam de nos tratar com a mais revoltante e grosseira soberanceria, ao ponto de, não ha muito, provocar a mais grotesca hilaridade no parlamento d'uma nação amiga nma referencia à nossa dignidade nacional, que é aos descobrimentos dos portuguezes que se deve esse conjuncto Me beneficos que outras nações, menos arrojadas de certo, porém mais afortunadas, disfrutam hoje em lauto banquete, atirando-nos algumas tristes migalhas, e que foram esses heroicos descobrimentos, como os não ha eguaes na historia das outras nações, que mudaram a ordem da sua importancia relativa, pela simples razão de terem ellas sabido aproveitar melhor as vantagens de tão grandiosos successos.

Se a expansão colonial tem tido apostolos fervorosos e osados propugnadores das suas incalculaveis vantagens, tambem lhe não tem faltado adversarios poderosos e convictos.

Grandes mestres de economia politica, como Léon Say, Cobden, de Molinari, Yves Guyot, de Laveley, combateram à outrance a formação das grandes empresas colonias. Os argumentos por elles empregados, com a sua incontestavel autoridade de sabios economistas doutrinatarios, são de ordem diversa, mas todos se filiam mais ou menos em questões de ordem social e economica, e podem resumir-se no seguinte: — que as colonias são um pesado encargo para a mãe patria porque representam uma grande somma de penosos sacrificios de sangue, vidas e dinheiro, em manifesta desproporção com os beneficos que a metropole possa auferir dos seus recursos naturaes. Citam-se as palavras de Franklin, proferidas ha mais de um seculo: — «se a França e a Inglaterra entregassem as suas colonias ao azar do jogo, ganharia a parada a nação que as perdesse — ; phrase concetiva decerto, que tem tido um sem numero de edições, sendo a mais moderna a do notavel economista de Laveley, nos seguintes termos: — «Os Estados que não tem colonias devem felicitar-se por as não ter, e os que as tem devem tratar de as perder, porque para elles a perda seria o ganho». D'ahi, sem duvida, essa lastimavel obcecção de espirito de alguns dos nossos homens publicos que, levados do prurido da imitação, se lembraram de probr, como medida salvadora das nossas finanças, comprometidas por uma longa série de erros accumulados, a alienação das nossas colonias, que são, sem contestação, a razão de ser da nossa existencia autonoma, e precisamente a nossa unica esperanza de salvação. O futuro de nossas finanças arruinadas, e tambem, e muy principalmente, o da nossa nacionalidade, ir-se-hão afundando no mar do abandono, se não sobermos conservar as nossas colonias, como joias que são de inestimavel valor.

E sem duvida um erro gravissimo pretender julgar das vantagens da expansão colonial, calculando, como n'um balanço commercial, os lucros da exploração pela simples comparação do *Deve e Haver*, Fazer da politica colonial uma questão mercantil, seria collocar um paiz abaixo da mesquinhez d'um pae que descurasse a educação de seus filhos, sob o ridiculo pretexto de que lhe não advenem a elle proveito pessoal das despesas a que esta educação obriga.

Abordemos, não obstante, esta ordem de idéas, da qual os adversarios da expansão colonial tem feito o seu campo de batalha preferido.

Sem tratarmos, por agora, das nossas colonias, que serão o assumpto de subseqüentes artigos, apenas nos referiremos a algumas colonias estrangeiras que representam maiores sacrificios da mãe patria.

Temos o Tonkin, que custou à França 332 milhoes de francos. No estado de prosperidade em que se encontra presentemente, se o sentimento da dignidade nacional permitisse à grande republica europeia alienar essa colonia, tão coibida pela Inglaterra e pela Alemanha, por quanto a venderia ella?

Alguns tractos de neve, abandonados pela França em 1762, transformaram n'os os ingleses no actual Canadá, como Bombaim, sem valor enquanto foi nossa, é na actualidade, sob o regimen do *self-government*, a cidade de sumptuosos monumentos da arte moderna, e ao mesmo tempo o grande emporio do commercio inglez na India, de que todos tem noticia, e muitos conhecem de visu.

O paiz das febrés e da morte, que em 1846 a França desacoroçoada pensara em abandonar, é hoje a grande Algeria, uma simples continuação da patria franceza, que faz com ella um commercio de 300 milhoes de francos.

Quando, ha cerca d'um seculo, os ingleses foram estabelecer-se na Australia, mal se poderia prevêr então que, em tão curto espaço de tempo, relativamente fallando, pois que um seculo é a unidade de tempo na vida das nações, podessem as suas colonias reunidas, pelo seu progressivo desenvolvimento e riqueza, constituir a grande confederación autonoma da actualidade, proclamada em Sydney no primeiro dia do novo seculo, indo o herdeiro do throno da Inglaterra assistir d'abertura do seu parlamento.

E a Inglaterra, não deve esta poderosa nação dominadora dos mares afanar-se de haver creado a grande nacionalidade que se chama os «Estados Unidos da America»? Não será para Portugal tambem um dos seus melhores titulos de gloria esse immenso Brasil, emanção

suprema da sua existencia d'outra, na qual se sente reviver e illustrar, confiando á sua legitima descendencia, que falla a mesma lingua, as recordações dos nossos heroes e os fastos mais brilhantes da nossa Historia?

Se umas simples considerações de ordem economica podessem influir nos homens que tem a superior direcção da politica mundial, não veriamos certamente, como estamos vendo, essa lucta titanica em que se tem empenhado os governos das grandes nações, antiga ou modernamente constituídas, disputando a posse de novos territorios pela diplomacia ou pela força das armas.

As annexões e os protectorados que, á custa dos maiores sacrificios, procuram de ha muito realisar a Inglaterra, a Russia e a França, modernamente a Italia e a Alemanha, e tambem os Estados Unidos da America, recentemente entrados na politica colonial, são o argumento mais concluinte de que a politica das nações obedece a um estimulo mais elevado do que o são certamente as simples conveniencias e interesses de mercantilismo.

A expansão colonial é uma necessidade que entron a manifestar-se cada vez mais imperiosa, como o meio pratico de assegurar o futuro dos povos, desejosos de se perpetuarem, e de viverem vida mais ampla e desafogada, constituindo individualidades sociaes de maior alcance politico e economico.

A Inglaterra, insaciavel nas suas ambições nunca satisfeitas, quer juntar ao seu grande imperio da India um novo imperio ainda maior na Africa, e para este fim não duvidou substituir pelo regimen da violencia, nas suas mais cruéis manifestações e com todos os seus horrores, o regimen do direito — e quem diz direito, diz justiça e liberdade — que foi sempre a base da politica colonial de Gladstone, do seu *grand old man*.

Se a ideia imperialista houvesse surgido ha meio seculo, o ousado que a formulasse teria passado por louco aos olhos da Inglaterra pacifica e conservadora. Ainda em 1852 o chancelier da thesouraria, lord Beaconsfield, dizia que «as malditas colonias eram o maior cancro das finanças inglesas»; e os homens mais notaveis d'essa epoca, d'entre os quaes o chefe virtual do actual gabinete, lord Salisbury, consideravam a separação das colonias como a solução mais conforme com os interesses da Inglaterra.

Quantum mutatus ab illo! Com a soberceria propria de quem põe o orgulho da sua nacionalidade acima de todas as conveniencias sociaes, no seu memoravel discurso que fez o passo da Europa e do mundo, disse o secretario do Colonial Office M. Chamberlain, com assentimento e pleno consenso do Marquez de Salisbury: — «Que elle era imperialista, e conseguira, afinal, fazer calar esse temor de ser grande, que era a vergonha da nação no passado. Que se trata presentemente d'um imperio como a terra nunca vira outro equal. Quanto á sua superficie, que ella abranje uma grande parte do globo. No tocante á população, que elle se eleva a 400 milhões de almas pertencentes a quasi todas as raças conhecidas. E pelo que se refere á infinita variedade dos seus productos, que tudo quanto se possa imaginar de necessario, util ou agradável ao homem, tudo se produz á sombra da bandeira inglesa.»

É força confessar que actualmente na Inglaterra, com rarissimas excepções, que se reduzem aos representantes da Irlanda, conservadores e antigos liberaes são todos imperialistas ou *imperialisados*, e sem contestação a sua grande maioria é imperialista convicta até o fanatismo do seu grande imperio colonial.

A febre da expansão invadiu tambem os Estados Unidos da America, onde não podia deixar de encontrar todas as facilidades para se alastrar com intensidade, creada pelas idéas imperialistas, ou melhor diriamos *jingoiatas* d'estes povos, que sacrificam tudo, crenças e principios, á insaciavel sede do ouro, *auri sacra fames*.

Na guerra hispano-americana, que se inscreverá, sem duvida, na historia como uma lucta sanguinolenta que produziu martyres mas não heroes, os Estados Unidos da America revelaram se como uma potencia de primeira ordem, com a qual se torna indispensavel contar nas grandes manifestações politicas do futuro. D'ahi o justificado temor da influencia americana, da expansão americana, do «perigo americano» n'uma palavra, que surge implacavel em todas as esphasas da actividade politica e industrial da Europa continental.

É ponto incontestavel que os povos exercem hoje a sua influencia politica na proporção do seu desenvolvimento commercial e industrial. Sob este ponto de vista, é incontestavel que o povo americano tem realisado verdadeiros prodigios desde ha um seculo, em que a America, conquistada pela Europa, emancipada do jugo da Inglaterra, se afigura agora decidida a querer conquistar a Europa, movendo-lhe uma guerra economica que pode ter as mais desastrosas consequências. A Russia, a Austria e a Alemanha, como que presentindo a lucta que se vae travar entre os dois continentes, parecem dispostas a concluir uma alliança aduaneira, destinada a contrabalançar as pretensões economicas da America, e n'esta orientação os outros paizes continentales terão fatalmente de se juntar áquelles, constituindo os «Estados Unidos da Europa», em opposição aos «Estados Unidos da America».

C. DE SOUSA E FARO.

Numeros do "Intermezzo,"

(H. Heine)

Amei-te, e amo-te ainda! E desabasse o mundo,
Que do final destruo
Em chama surgiria o meu amor profundo
Retemperado e moço! —

Eu não te quero mal. Rasga-me embora
A dor o coração,
O' bem perdido que a minha alma chora
Não te quero mal, não!

Nas vestes do noivado triumphantes,
Pompeias riso a flux...
Mas no teu coração, dos teus brilhantes
Nem reflexo entreluz...

Eu sei! — que á noute de tua alma, ourada
De viboras, desci...
Eu sei quanto, afinal, és desgraça.
Oh! sei! — que eu bem n'o vi?..

Numero do "Regresso,"

(H. HEINE)

Mimo, frescor, graça e pureza,
Como na flor fulgem em ti...
Se o olhar se fixa, que tristeza
No coração sorri...

Parece á gente que devia,
Em sua fronte impondo a mão,
A Deus pedir que eternos faça
Mimo, frescor, pureza e graça
Que tens no olhar e coração.

JOSÉ NEWTON.

O novo Emir do Afghanistan



O successor do principe Adbur-Rahman, proclamado agora em Kahir, Emir do Afghanistan, é Habibullah Khan, filho mais velho do falecido Emir e de uma aia da primeira mulher d'este, de nome Ealzy.

Tem 29 annos. É intelligente, valente, forte e robusto, e muito afeiçoado á Inglaterra.

Abertura da Escola do Exercito



asso lectivo findo, que a morte de tres professores veio enlutar, e de si indeleveis e bem tristes recordações.

Iniciado pelo fallecimento de Renato Baptista, ao qual com breve pausa se seguiu o de Augusto Ferreira, foi rematado pelo de Rego Lima, obreiro incansavel, que viveu para o trabalho e pelo trabalho veio a succumbir.

A escola transaloudu agora em galas os seus lutos, abrindo festivamente mais uma vez as portas para solemnizar a inauguração do anno que entra.

E' a eterna lei dos contrastes, em que a natureza, sempre varia, tanto se compraz, dando com mão prodiga o dia após a noite, trapando na amplitude dos céos depois da

tempestade o iris da bonança, fazendo ouvir os gorgoros do roxinol sobre a lava, que em noite medonha a cratera desentranhou dos seus seios.

Do tempo, que passa sem levar consigo recordações dos bancos das aulas, que nunca se apagam da memoria; dos annos d'essa mocidade, que foge com as suas chimeras e ideias, destaca-se este dia, pagina brilhante da vida academica, cheia de esperança para os que entram, de alegria e saudade para os que sabem a conquista da posição social, com a carta de um curso, almejado termo de muitas fadigas, e não raro, de bem penosos sacrificios.

Parece que até os muros da velha escola rejuvenescem com o fulgor de tantas primaveras!

A esse fluxo, consagrada pelo velho uso, se dirige a oração de saupencia, desenrolando o fio das honrosas tradições, que enaltece; dando nos ultimos a affectuosa saudação de despedida, aos primeiros incitandolos; aos que obtiveram premios louvando.

Participe do movimento, a que tudo se submete, vae proseguindo a sciencia e é esta a occasião de firmar principios, que ressaltam do apurar de factos, e do discurrir de idéas, de indicar os portos, que demanda veloz o baixel do pensamento, que novos astros tem de lhe orientar a derrota.

O sr. conselheiro Villaça, lente, a quem n'este anno coube essa missão, d'ella se desempenhou com a costumada proficiencia perante S. M.



Major Vasconcellos Porto

El-Rei, que sempre honra a Escola comparando a este acto, e o selecto auditorio, que enchia a sala das sessões.

Com eloquentes palavras, em que a belleza da forma se aliava ao primor dos conceitos, dando-lhes sempre realce, descreveu a rapidos traços o longo inventario do seculo XIX, grande, como o de nenhum outro.

E' uma epopéa do espirito humano e no céu constellado da historia da sciencia apontou as scienciações da idéa, as culminações do esforço, que avassalou as forças da natureza, ora arrancando dos profundos abysmos da terra e do mar materia para novas maravilhas; ora enriquecendo os catalogos estelares com a descoberta de novos mundos.

Teve phrases de louvor e de carinho para as sciencias, que mal despontam ainda e entre aquellas, a que melhor futuro está augurado, referiu-se á oceanographia, que se orgulha de inserir na primeira linha dos seus mais strenuos cultores o nome prestigioso de D. Carlos de Bragança.

E' inasceptivel de resumo o que não podia deixar de ser brevissimo transcripto e a publicação, que pouco se fará esperar, arrancará a todos o applauso que mal se lhe tributa por este pallido reflexo.

Precedeu o discurso uma levantada allocução do sr. conde de Bonfim, general comandante, que agradeceu a honra da regia visita, enaltecendo os brios, tão altamente manifestados por muitos dos fillos da escola em varias conjuncturas e teeu o elogio do pessoal, que tinha sob seus ordens, cuja dedicacão lhe garantia o poder desempenhar-se do seu difficil encargo.

Deu particular relevo á solemnidade, augmentando consideravelmente o interesse que inspirava, a inauguração de um bello edificio, que, em frente do quartel dos alumnos, dentro de poucos mezes surgira do solo como fantasma a appareição de conto de fadas, ou doirado sonho das *Mil e Uma Noites*.

De justiça é o render aqui a homenagem de profundo respeito e reconhecimento a S. M. El-Rei, disvellado protector de todos os melhoramentos escolares e de endearar os mais vivos agradecimentos ao illustre ministro da guerra, o sr. conselheiro Pimental Pinto, de cuja iniciativa rasgada fala bem alto a lei organica do estabelecimento, a que por mais de uma vez tem vinculado o nome.

Cobrou os louros da parte final da cerimonia d'este dia no lente, engenheiro da obra, o sr. major Vasconcellos Porto.

Parece que este logar do *Brasil-Portugal* se vae transformando em sala de honra da engenharia portugueza. Ainda ha pouco se celebraram aqui os meritos do engenheiro illustre do elevador e viaducto de Santa Justa, e já hoje temos de falar de outro, que, não empreheundo obra tão gigantesca, mas não deixou por isso de confirmar na maravilha, com que tanto excitou a nossa admiracão, os subidos creditos de constructor, já consagrados, ora em vias ferreas no enorme movimento, que temou de ha annos para cá a ríde da Companhia Real, ora na propria bibliotheca da escola, obra já de si digna de subido elogio, sobretudo pelas condições em que foi realisada, e bastante para dar nome a quem ainda o não tivesse alcançado.

Dizer o que foi a construcção do edificio, a que alludo, é tarefa relativamente facil, o realisar-a foi empreza de summa habilidade e de cuidados incessantes. Quando o dinheiro sobra e o tempo não escassa podem commetter-se prodigios; assim se lançam as grandes pontes e se perfuram as maiores montanhas Talhar obra em mingado ornamento é mais serio; no delinear-a, executar-a, e conclui-la, com tal apuro, sobe de ponto a difficuldade.

Luxuosa pessoal de administração, inextricaveis processos burocraticos, pessoal operario altamente cotado nos seus officios, foi tudo supprimido Serviu-se com o que tinha, lançou mão de tudo o que pôde encontrar, foi descobrir tudo o que se prestaria a qualquer aproveitamento e só descansava para voltar de novo a fazer.

Quasi que se chegou a pensar que elle era o verdadeiro mestre de cabouqueiros, pedreiros, carpinteiros, estuadores e pintores!

E como a factos extraordinarios só cabe menção fora do normal, com-vém trazer em logar distincto a descripção de

O edificio novo

Tem dois pavimentos; ao superior, ou andar nobre, dá accesso ampla plataforma, que se estende diante dos corpos do edificio do quartel, subindo se para alli por tres pequenas escadas, assentes sobre arcos aviaçados

A sala do centro, destinada a refeitório, medindo 25,99 x 14,80 com o pé direito de 6,75, bem se pôde chamar vasto salão. Tem a ornamentação geral da ordem composita, mantendo-se a do entablamento d'esta no tecto, dividido em 10 caixotes, com a estrutura sustentada por 14 columnas a tres quartos sobre a parede. São ellas caneladas; nos capitais, de delicado lavor, recortam-se primorosamente as folhas de acantho, desenhando na sua nitidez os vivos dos bordos sob as graciosas volutas, dando novo realce aos fustes engrinaldadas e ostentando-se com garriedade na espacosa sala, cheia de ar e de luz.

O pincel fez brotar dos fustes o bello marmore de Italia, extrahido das pedreiras de Carrara, a que o escôpio, manejado por artista de genio, tem muitas vezes sabido dar vida, quando d'elle arranca a estatua n'um impulso de inspiração divina.

Nos pedestaes admira-se o brilho, a transparencia, o venado, do puro alabastro; nos aliares e sobreportas a imitação da talha; no lambriz e portas o carvalho.

Nas paredes apaineladas rasgam-se de cada lado 5 janellas, alternadamente simples e duplas. Aos topos, duas grandes portas, de arco abatido e elegante, de cada lado, abrindo sobre as salas contiguas e de tanta luz são ellas, que, abertas, se nos affigura que as tres salas d'este pavimento constituem apenas uma unica. Em dizer que o effeito, por ellas produzido, concorda com o do resto, vae um justo elogio. Tem de vão 4 metros e por meio de corredeja desaparecem as suas folhas na espessura da parede.

8 candieiros, de tres lumes cada um, dispostos para illuminação da força de 1800 vellas, podem dissipar plenamente as trevas da mais escuridão, em tão pouco gestoso apparatus.

Nos 4 guarda-lojas, 14 trinchantes, 40 mezas e 80 bancos de encosto, vêmos a negueira do nosso paiz, que o bom gosto do mobiliario moderno vae consagrando a esse emprego.

2 elevadores, n'um dos tópos, occultos por guarda-lojas, são destinados ao movimento da comida e dos pratos, estabelecendo facil communicação com a cozinha inferior.

O mobiliario está calculado para 240 alumnos, mas ha espaço para um regimento.

Do lado norte, para o qual abrem 4 janellas, a sala de bilhar, de 5,74 x 14,80; contém dois bilhares, respectivos candieiros e bancos

em volta. Do lado sul, abrindo 4 janellas, oppostas ás primeiras, das mesmas dimensões da precedente, a sala da leitura com os seus rendilhados sobre fundo azul, lustre e placas douradas, ostenta em toda a pureza e louçania o estylo Luis XV.

Que de commodidades, nem sonhadas pelos alumnos de outras eras! Qualquer d'estas salas tem, como ficou dito, duas portas para o salão e possui ainda uma janella para a rectaguarda e uma porta para a frente.

A implantação do edificio, a meia encosta, permittiu desafrontar o andar terreo, separado da plataforma, feita em atterro, por uma rua, no lado do muro de sustentação d'este, o qual é galgado pelos arcos das tres escadas, de agradável perspectiva, vistos de qualquer dos tópos.

No pavimento inferior compartimentos, respectivamente destinados a: cozinha, lavagem, louça, roupas, dispensa, armazem, escriptoria, armamento, limpeza de armamento, material do campo, gabinete, habitação do sargento. No deposito de viveres: tullas, salgadeiras, bancada para deposito de vinhos, prateleiras. No muro do atterro ha ainda pequenas arrecadações e dependencias indispensaveis.

De dever é aqui mencionar os nomes dos dedicados collaboradores de Vasconcellos Porto, e são: José Antonio Corrêa, mestre de estuca-

Esperança

Meu pensamento que em delirio gero,
Quando em louca visião vôo levanto,
Tão alto o puz, que de eleva-o tanto,
Já nada espero agora... e tudo espero!

Como a ambição tracei, e era sincero,
Meu desmedido intento em cego incanto,
Na sarça ardente d'este amor, que quanto
Mais me foge e o perco, mais o quero!



O novo refeitório da Escola do Exército

dores e os seus ajudantes: José Maria da Cunha, José Esteves, o mestre Francisco e o mestre Augusto da Escola do Exército, que se vão revelando, cada vez mais, um operário de grande merecimento.

Adjuntos ao edificio ha dois *lawn-tennis*, cuja construção exigiu um movimento de terras de mais de 1-000 metros cubicos, agravando as difficuldades, que houve a vencer. Pequenas ruas, calçadas e arborizadas, terreno ajardinado, notando-se palmeiras e flores entre varias plantas mimosas.

Do poente: quartel, parada e jogos; do nascente: o terreno da cerca descendo em esplanada; a casaria da velha e da nova cidade; a linha de collinas da Penha de França no Castello de S. Jorge; ao longe a serra da Arrabida, esbatendo-se no azul, sobre o qual recorta a sua crista de caprichosas ondulações, correndo para o mar, por onde muitos dos antecessores dos actuaes alumnos foram para sustentarem nas remotas paragens dos nossos dominios africanos a honra da bandeira, que juraram defender.

L. F. MARRAS FERREIRA.

Fui após um engano: não se alcança
O impossível: recua se se avança
O horizonte que olhamos confiando...

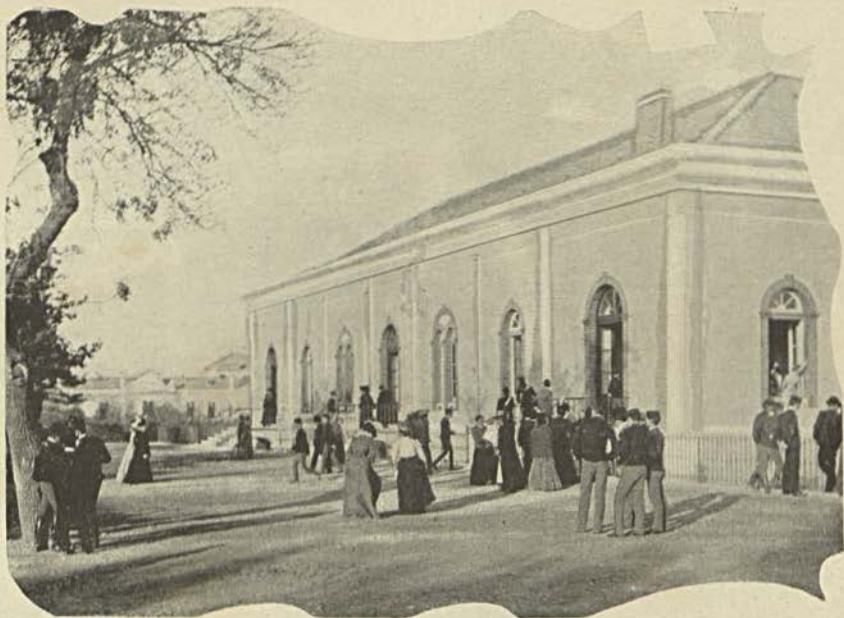
Assim como á ambição; e todavia
Eu, que já nada espero, noite e dia,
Sigo o meu sonho em vão... sempre esperando!

Famalicó, IX, 1901

SEBASTIÃO DE CARVALHO.



Escola do Exercito



O novo edificio inaugurado com as salas de bilhar e de leitura, refeitório e cozinha



Formatura geral dos alumnos

Escola do Exercito



El-Rei dando a direita ao sr. ministro da guerra
e a esquerda ao sr. comandante da Escola, general conde de Bonfim



A guarda de honra



Antes da distribuição dos premios



O terminar da distribuição dos premios



Revista passada por S. M. El-Rei



A nova sala de leitura da Escola

Mal sem remedio!

(Impressões do «Impromptu n.º 3», em Sol, de Schubert
inexcedivelmente tocado pela grande pianista Gloria
Castanheira).

Não tens remedio, não!
E' funda e negra a tua dôr, tão negra
Que o fundo mal lhe vê!
O sol, que os outros corações alegra,
No teu apaga o ultimo clarão
N'uma nevoa de lagrimas que são,
N'esse rosto de monja torturada,
O segredo da tua pallidez!...
E's muito desgraçada!
Que o diga quem souber
A tragedia da tua desventura;
Que o diga quem te viu, fragil mulher,
Viuva desolada,
Como um espectro seguindo, hirta e calada,
O teu unico filho á sepultura!
O teu filho, a tua alma, a vida inteira,
A esperanza derradeira
Desfeita nos mais rudes desganhos...
Elle, que era uma flôr, morto aos vinte annos!
Ai! Mater Dolorosa!
A tua immensa dôr não tem conforto!...
N'este valle de lagrimas em vão
Has-de regar de lagrimas o chão,
Que cobre e te apodrece o filho morto!...
Não tens remedio, não!...
N'uma tarde de outomno
Contaste-me n'um choro a tua magua;
Descreveste-me o arido abandono
Do teu jardim sem flores e sem agua;
O chão sem relva, estereis os canteiros,
Mirrados os rosacs e os jasmineiros,
As estatuas de marmore partidas,
O sol mortico a agonisar ao fundo,

Lançando um triste olhar de moribundo
A's arvores despidas!...
Procurei consolar-te: a primavera
Voltará novamente
E has-de ver como a seiva retempera
Teu coração doente!
Tu has-de ouvir de novo nas ramadas
Do teu jardim os passaros cantando,
E o sol de maio, em chispas, esmaltando
Relvas novas e aguas renovadas!
Teu rosto miserando
Ha-de sorrir, ha-de voltar-lhe a côr
De novas alvoradas,
Rubras d'um novo amor!...
Ai tem 'sp'rança, tem fé!... Mas tu, cahidos
Os braços n'um pesado desalento,
Negros os olhos, negros os vestidos,
E negro o pensamento,
Rompeste no teu choro estrangulado
De soluços e ais,
Pensando n'esse filho inanimado,
Que não voltará mais!
Que não voltará mais! E tu jamais
Terás consolação!
Que um oceano de lagrimas te inunda
O afflicto e trespassado coração!...
O' dôr, das fundas dôres a mais funda,
Não tens remedio, não!...

Figueira da Foz 27—10—1902

CONDE DE MONSARAZ.

Typos das ruas

DO RIO DE JANEIRO



O vendedor de phosphoros

DE LISBOA



À ovarina



D. Amélia. — A Della Guardia

ACTRIZ italiana que na interpretação de personagens diversísimas acaba de ser applaudida em Lisboa é propriamente, acima de tudo, uma artista de sentimento. Foi esta a corda que ella vibrou com mais intensidade e foi neste campo que, durante a sua estada em Lisboa, com maior brilho se evidenciaram as suas faculdades de artista.

Não será novidade para ninguém a affirmação de que entre o talento e o genio pode ser tão tenue que se torne quasi imperceptível a linha divisoria. E para a exemplificação d'esta verdade a Della Guardia serve á maravilha. Não é uma estrella de primeira grandeza, mas dá-nos por vezes, em lances rapidos dos seus papeis, o effeito de ser. Quando, porém, vae a operar-se no nosso espirito a vibração artistica, quando parece que a Arte vae empolgar-nos n'uma das suas irresistíveis manifestações, experimentamos como que uma hesitação, uma impressão de duvida que nos cala o bazo! á ponta dos labios, e nos tolhe as mãos no momento de irem a romper n'uma aclamação entusiastica. Que mysteriosa particular é essa que falta no trabalho da actriz a ponto de tornar incompleta a sua grandeza? Que divino *quid* é esse que arrebatou os espiritos mais meticulosos e exigentes quando a Sarah Bernhardt ou a Duse, com processos diametralmente oppostos, nos dão por momentos a illusão de atingirmos, na aniedade do bello, o ideal inatingivel! Ora esse *quid* é simplesmente o que se chama o genio, e possuem no apenas os raros privilegiados enriquecidos pela natureza com faculdades tão excepcionaes que para accrescentar a sua grandeza vão até ao heroismo da abnegação e ao

N'essa galeria não cabe a Della Guardia, é certo, mas não é menos verdade que ella é uma formosissima estrella de segunda grandeza. Forma logo abaixo das mais rutilantes e deixa nos trabalhos que executa a sua *empreinte* inconfundivel.

As seducções, o coquetismo e por fim a paixão da *Zaza* que se despenha como uma torrente, a ancia estherica e a agonia afflictiva da *Masette*, o amor tragico, absorvente, da *Gaulhier*, que parte de um gracejo e de um olhar e vae até ao heroismo da abnegação e ao terror da morte, e desespero doído da *Fernanda* quando lhe foge a arma da vingança terrivel, os lances de amor, de orgulho, de dignidade revoltada, a luta entre o amor materno e a adoração do marido atraído, toda essa violenta acção que constitue a *Tragedia na alma*, essa longuissima escala, emfim, de sentimentos, que se agitam no coração da Mulher, encontra nas faculdades da Della Guardia theatro vasto e proprio para viver e brilhar com exito. Porisso se he não dámos com vigor as ovações que ao o genio arranca, admiramol a com justos e sinceros applausos, e ficamol a considerando uma das grandes actrices modernas, das mais completas e brilhantes do theatro italiano.

D. Maria

O *Rantauz*. — Apesar de ser uma *reprie* teve todas as condições de uma *premiere* esta velha peça de Erkmann e Chatrain, os afamados auctores alacianos do *Ami Fritz*. Representou se na ha 19 annos em D. Maria, mas nenhum artista de então entra na peça de hoje, do scenario d'aquelle tempo nem um bastidor já resta, o traductor de hoje não é o mesmo — e, por signal, é excellente a versão do sr. Lindo d'Assumpção — e pode, finalmente, accrescer-se a que o publico de ha 19 annos poucos representantes ter hoje na sala de D. Maria.

Nestas condições, é, por assim dizer de uma primeira representação que estamos tratando.

O *Rantauz* não são decerto a obra prima de Erkmann e Chatrain, mas não deixam de ser um drama de profunda observação, um estudo consciencioso dos costumes de provincia, uma analyse perfeita e dramatica do que faz o odio entre familias n'uma terra de provincia. Em Portugal como em França, na Alemanha como na Russia, podem existir aquellos irmãos, desenvolver-se aquelle odio, e a luta entre interesses mesquinhos tomar proporções tragicas com desenlaces mais funestos do que aquelle que foi falhado pelos auctores dos *Rantauz*. É logico tudo aquilo e os auctores souberam dar uma forma tão dramatica ao conflicto de paixões que na peça está em jogo que ficaram uma obra de arte, se não das de maior folego, um verdadeiro trabalho, muito apreciavel, cheio de consciencia e de verdade.

Dos dois irmãos que por causa da herança paterna se odeiam encarregaram-se os auctores Joaquim Costa e Pósser e não é demais o dizer-se que ambos comprehenderam bem a responsabilidade que lhes provinha da execução d'esses papeis.

A estreia de Luz Velloso, á falta de melhor, queremos servirmos de uma palavra corriqueira em linguagem theatral, foi auspiciosa. Tem sentimento e manifesta-o através da arte. Quem possui esta esplendida qualidade nativa e pretende consagrar-se á vida theatral, tem feito quasi todo o caminho. O resto já pertence ao publico.

Em papeis de menos importancia, Amélia Vianna, como Cecilia Machado, e Maia, e Oliveira, e outros ainda, contribuíram em larga escala para o exito que depois de 19 annos de ausencia acaba de obter em D. Maria *Os irmãos Rantauz*. Muito de proposito deixamos para o fim o nome laureado de Ferreira da Silva, um dos raros que progredem sempre e que n'este papel de mestre escola, feito com a maior sobriedade, marcou traços seguros e firmes, creou uma individualidade, e conseguiu emfim ser uma das principaes victimas dos ferozes irmãos.

Tem agradado muito os *Rantauz*, e d'ahi os applausos que conquistam em todas as noites de espectáculo.

Rua dos Condes

Microbio do amor. — É uma comedia desopilante, que só por isso vale a pena ouvir. Estamos em pleno regimen de *blague*, e parece ter aqui tido a sua origem a bacteriologia da peta adubada de escriptura.

Alexandre Bisson armazenou decerto no *Microbio do amor* o que a sua veia tem de mais comico e hilariante. As surpresas imprevisitas succedem-se n'esta alegre comedia, e como no theatro não ha melhor appetitivo que o riso, Bisson maneja esta arma com tanto brilho e com tanta facilidade, que com a reunião de tantos elementos seria impossível o exito falhar. Não falhou e contribuíram para elle ser completo artistas como o Valle, Beatriz, a Virginia, a Rosa d'Oliveira e Silva Pereira, que tiraram effeitos seguros do seu desempenho.

Principe Real

O *As de paus* é velho jogo, drama que dá á impressão de se ter representado em scenios prehistoricos, peça com todos os matadores para que a ache divina o publico que por causa d'ella encda todas as noites o antigo e bonito theatro da Rua da Palma.

Fadistas, gatunos, assassinos, roubos, a virtude a triumphar do vicio, e como *tableau* final o castigo dos criminosos, tal o emaranhado enredo do *As de paus* que Décaurcelle traçou com mão de mestre — no genero — e que Maximiliano d'Assvedo e Salvador Marques accommodaram ao nosso publico com aquella sciencia theatral e aquelle amor de *métier* que tão accentuada torna no theatro portuguez a individualidade de ambos.

Ha dois papeis no *As de paus* que merecem especial registro, porque, no desempenho d'elles, dois artistas se elevam a grande altura: Adalina Ruas e Joaquim d'Almeida.

Ella é a pobre rapariga que a fatalidade torna ao mesmo tempo victima e escurra do amor de um assassino. O contraste chocante entre os sentimentos nobres do seu coração e o meio criminoso em que vive e em que forçada pelo terror parece ser cumplice consciente do assassino que odia, e de quem é amante, esse contraste frisa-o Adalina Ruas, com tal consciencia do seu papel, com tão subida affirmação dos seus recursos, que esta criação ficará na galeria já vasta das suas mulheres infelizes.

O outro primor do desempenho é de Joaquim d'Almeida. Amante e monstro, ahí está outro contraste *psychologic*, outra dualidade de sentimentos oppostos, a que o creador de tantos papeis de responsabilidade deu vulto, tornando o seu personagen uma figura ao mesmo tempo monstruosa e humana.

O *As de paus* tinha sido ha muitos annos representado em Portugal, mas revivido agora á chamada da empresa do Principe Real promette fazer larga carreira porque tudo n'elle contribue para arrancar applausos aos espectadores d'aquelle theatro popular.

JAYME VICTOR

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

Páginas suplementares: Off.º Estêvão Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 18 & 24

Directores

Augusto de Castello, Jayme Victor, Lorjº Tavares
Editor — Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125
End. telegraphico — BRASÍL — LISBOA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Numero avulso	Moeda brasileira	5\$400	7\$400
Anno		6 meses	2\$000
		3 meses	1\$500
		Numero avulso	\$300
			Numero Avulso
			2\$000
			\$900

SUMMARY

O actor Ermete Zacconi.
Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
Oá má lingua — ANTONIO BANDIERA.
O Conde de Farrobo — PINTO DE CARVALHO (Tinop).
Pensamentos.
Expansão colonial — C. de SOUSA e FARO.
Numeros do Intermezzo (H. Heine) — José NEWTON.

O novo Emir do Afghanistan.
Pelle de burro (conto) — CHARLES PERRAULT.
O novo consul brasileiro em Lisboa — MANOEL DA SILVA PONTES JUNIOR.
Obertura da Escola do Exercito — L. F. MARRECOs FERREIRA.

Esperança — SEBASTIÃO DE CARVALHO.
Mal sem remédio? — GONDE DE MONSARAZ.
Typos das ruas.
Theatros — JAYME VICTOR.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
O nosso proximo numero.
Carlos Abreu.
Pelle de Burro.
Bibliographia.
O NOSSO JORNAL — (A quinquena noticiosa).
Cartas da Quinquena.
O CEGO — Romance de PEREZ GALDÓS.
ANNUNCIOS.

20 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Papo de Moraes e José Martins Follo, Rua de Alfindades, 4, sobrado.
FERNAMBURGO — A. Leopoldo da Silveira.
PARA — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua do Alfredo, 50.
PARANÁ — Jayme & Camara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
PARANÁ — Leoncio J. de Medeiros & C.º
PARANÁ — Salles Torres & C.º
PARANÁ — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 28.
PELOTAS — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
ROSSARIEM — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUEILANDIA — Henrique Jorge de S. Neves.
BENGUELLA — Mathias & Tavares.
LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da Silva de Lencina.
BOLAMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da Silva Romão, Theouzeiro geral da Provincia.

Na Índia

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

BELO ORO — Jacquin Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 24.
EVORA — Agente geral em Evora e no Sul Luiz Freire Correia, Rua da Ladeira, 18.
BRAGA — J. N. S. Carvalho.
MONTÉ DE LIMA — Gama, Amarel & Com.º.
COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2.
SANTA THERESA DO OESTE — Pedro Augusto Pesca.
BRANTEE — Antonio Augusto Salgueiro.

Carlos Abreu

Este nosso illustre collaborador artistico, em S. Paulo, Brazil, que firma a engraçadissima pagina *A Raça Negra*, do nosso n.º 62, breve nos enviará novos desenhos.

Pelle de Burro

O esplendido conto que hoje publicamos de Charles Perrault, faz parte de um livro que a Empresa da Historia de Portugal está editando e que breve appareçará á venda com o titulo *Nossos contos de Fadas*.

Este livrinho é o segundo volume da Bibliotheca das Creanças, iniciada em 1875 com os *Contos de Fadas*, de Charles Perrault, e contem contos não só d'este illustre escriptor, como tambem dos irmãos Grimm, todos traduzidos pelo sr. Henrique Marques Junior. O preçacio do volume que vae publicar-se agora é do sr. Julio Brandão e as agurellas do sr. Francisco Valença.

BIBLIOGRAPHIA

Almanach illustrado do "Diario da Tarde", para 1902 — O *Diario da Tarde* é a folha moderna do Porto, o jornal ligeiro, vivo, noticioso, que agarra, n'um acontecimento, o revolve de alto a baixo, prendendo a attenção do publico. Sabe á tarde, á hora em que o Porto laborioso e trabalhador, descança.

Agora publicou o seu primeiro almanach, que é bibliographia do jornal, interessante e vivo. Acompanha os acontecimentos ultimos com certo briho, escolhe entre os antigos escriptores, gloria da nossa litteratura, alguns dos principais, estampa-lhes o retrato, acompanhando alguns exerpτος das suas produções, conta anectodas, dá conselhos, ensina receitas e, como todo o almanach que se pressa, traz uma longa secção de annuncios.

É um livro interessante e util.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O *Brasil-Portugal* de 1 de dezembro occupar-se-ha, como o assumpto merece, da cerimonia aallemte que breve se vae realizar no Mosteiro da Batalha por occasião da trasladação dos despojos mortaes de D. Afonso V e de sua esposa a Rainha D. Isabel, de D. João II e do mallogrado Principe D. Afonso.

Firmará o artigo o nome illustre do distinctissimo erudito o sr. dr. Sousa Viterbo.

O artigo do dr. Cunha Bellem intitulado *O jornalismo e a critica litteraria* que não poudo sahir n'este numero, será publicado no n.º 69, onde daremos tambem, além de um grande numero de *croquis* da Ultima visita a S. Paulo e Santos do nosso ministro do Brasil sr. Conselheiro *Camelo Lampreia*, uma musica inédita de *Oscar da Silva*.

O NOSSO JORNAL

(A quinquena noticiosa)

Fôra as reformas varias que o *Diario do Governo* tem publicado por diversos ministerios e que só provam a fertilidade ha muito celebrada dos nossos estadistas, misturando e baralhando a legislação até ao cahos, foi pouco fertil em acontecimentos esta quinquena, porque não contamos, é claro, com a renza de crimes que ella atirou para o jornalismo diario, quasi dia a dia.

Veu a Lisboa uma deputação de scientificos encarregados de uma missão oceanographica, a de apresentar a S. M. El-Rei D. Carlos o diploma de presidente honorario da Sociedade do Golfo de Gasconha.

Essa missão chegou ao Tejo no dia 7, cum-

primentou os dois ministeros da marinha e estrangeiros e foi recebida pela Sociedade de Geographia, cujas installações visitou.

Visitou o museu da Escola Polytechnica, e foi recebido pelo chefe do Estado que, acompanhado pelo naturalista sr. Alberto Girard, lhe foi pessoalmente mostrar as suas collecções biologicas, nas quaes se destacam os exemplares de peixes das grandes profundidades colhidos por S. M. durante as suas campanhas de 1896. Essa visita foi interessantissima e produziu grande impressão nos distinctos scientificos, que depois celebraram com grande elogio os altos conhecimentos de S. M.

Republica brasileira

Para solemnizar o 12.º anniversario da proclamação da republica do Brazil, houve ontem na Legação uma brilhante recepção á colonia que esteve concorridissima. As salas estavam todas ornamentadas e profusamente adornadas de flores. A noite o sr. ministro deu no palacete que occupa na rua da Trindade, um jantar intimo de 16 talheres, que esteve animadissimo. Assistiu apenas o pessoal da legação e do consulado.

VARIAS NOTICIAS

Lisboa. — O celebre monge de Caparica, o solitario Bernardo Galling, que ha mais de 30 annos passava em triste vida contemplativa no seu eremitorio, falleceu alli depois de ter sido cossado pelo padre inglez revd. Russell que apenas lhe sobreviveu uma meia duzia de dias.

— El-Rei já tomou posse do seu novo yacht o *Banhoe* inglez que passou logo a chamar-se *D. Amélia*.

É um lindo barco de recreio.

— Vão tomar posse na Câmara dos Pares, como hereditarios os ara. Visconde de Balsemão, Antonio Costa, o conde de Sobral e outros.

— O Tribunal de verificação de poderes validou todos os actos eleitoraes para a eleição geral de deputados, cousa rara entre nós.

— Estiveram no Tejo, o cruzador inglez *Cleopatra*, navio escola, e a canhoneira sueca *Edla*.

— O capitalista José da Costa Cardoso que viveu longos annos no Brasil, fallecido agora, deixou testamento instituindo herdeira D. Emilia Pereira de Oliveira, com quem vivia. Deixou-lhe 1 annel de brilhantes, o usufructo de 150 acções do Banco Commercial do Rio e outras tantas do Banco da Republica; a propriedade de estas 300 acções passa para os sobrinhos; Confirma ainda a doação que á mesma tinha feito em 1879, por escriptura no tabellião Pedro Evangelista, do Rio de Janeiro, do usufructo de 100 acções do Banco Commercial, e declara que deu procuração para na mesma cidade se assignar uma doação á mesma de um predio que possuia da rua da Lapa, n.º 61 e 100 acções da Companhia de Tecidos Progresso Industrial e Banco Industrial, e 3a da Companhia de Tecidos Manufatura Fluminense.

— O escalor do cruzador *S. Gabriel* que se afundou no Tejo, foi arrancado do fundo pelo marinheiro José Joaquim Chaves, natural de Ponta Delgada, que umas poucas de vezes mergulhou, conseguindo a muito custo prender os cabos ao escalor para se poder elevá-lo do lodo. Como recompensa e sob proposta do inspector do arsenal o arrojado mergulhador foi gratificado com 100000 réis e promovido por distincção a 1.º foguetor, passando depois ao serviço de mergulhadores.

— Proximo do apeadeiro da Damaia, linha de Gintira, foi encontrado o cadaver d'um homem, apurando-se ser o guarda Isidoro dos Santos, encarregado de rondar a linha.

Ao que parece, o infeliz adormecera no seu posto, sendo colhido por um comboio que o matou.

— Já chegou a Lisboa o Visconde de Santo Thyrsio, nosso ministro em Washington.

— Começam em pouco as carreiras de tracção electrica para o Poço do Bispo.

— Estabeleceu-se já o serviço de permuta de encomendas postas entre o continente e a provincia de Moçambique.

Porto. — Logo que chegaram no comboio de Lisboa os restos mortaes de Cyriaco Cardoso foram transportados para o templo dos Congregados, e coberto o atauda pelas bandeiras dos bombeiros voluntarios e da Sociedade dos Typographos Portuenses.

Depois de resados a missa e o responso, desfilou o cortejo para o cemiterio do Repouso, acompanhado pelas autoridades, artistas, corporações, varias bandas de musica e convidados. A noite houve o spectaculo em honra de Cyriaco e em beneficio de sua esposa e filhinhos, fazendo a companhia do Principe Real a 300.ª recita do *Alli... d'preta* com Angela Pinto nos seus antigos papeis.

No final do 2.º acto houve um *intermezzo* de apothose ao maestro. Em scena appareceu o seu busto, expressamente modelado para esta consagração e rodeado de todos os artistas dramaticos, pintores, escriptores, musicos actualmente no Porto, os mais devotados amigos de Cyriaco, asylos portuenses, etc; a orchestra do theatro executou uma *Marcha* dedicada por Nicoláo Milanes á memoria do illustre artista; Taborda disse *O Tio Matheus*; Brazão, recitou o *Padre Nosso da Madrugada*; Aurelia dos Santos cantou a aria de *Micela*, do *Carmen*, ainda ensaiada por Cyriaco, e Emilia Eduarda recitou uma poesia que expressamente compoz para esta noite.

Por motivo do decimo segundo anniversario da proclamação da republica do Brazil, houve recepção no consulado e foi enviado ao dr. Campos Salles um telegramma de felicitação.

— Na Fox foi preso o pintor José Penedo por tentar agredir com uma faca a mãe e o irmão! — Ha tempo a memoria da Bernardina Santos Monteiro de Pinho e seu marido o mercceiro Alfredo Ansur, arguidos de parto simulado para se assegurarem á posse do legado 25000000 réis de que Bernardina era usufructuaria e que seria proprietaria no caso de ter filhos.

Quando isso occorreu, os dois arguidos e os paes da creança emprestada para o caso — Rosa Ribeiro e o marido — foram enviados ao tribunal e affiançados pelo negociante sr. Padilha.

Ultimamente, soube-se que Alfredo Ansur tinha desaparecido, e procedendo a policia a averiguações, descobriu que elle atravessára para Hespanha pela fronteira de Xeres. Estava em Verim, e allí se demorára por falta de dinheiro.

Seguido pelos agentes da policia de emigração, foi-se deslocando para o norte em direcção a Vigo, onde, pelos modos tencionava embarcar quando á chegada á fronteira de Valença foi preso.

Chegando agora a esta cidade, foi recolhido ao Aljube.

O sr. Manuel Bento Padilha foi hoje ao tribunal quebrar a fiança, de sorte que Bernardina Pinto Monteiro teve que affiançar-se de novo sendo-lhe arbitrada a fiança em 100000 réis.

Os outros dois — Rosa Ribeiro e Constantino Ferreira — não tendo quem os affiançasse, foram recolhidos á cadeia.

Fallecimentos

De 1 a 15 de novembro falloraram
Lisboa — Duarte Alexandre Ferraz Baptista, Elicardo de Conceição e Silva, José de Sousa Reis, Manoel Rodrigues, Maria José José Cyrillo, Major João Xavier Albyde 2.º Oliveira, Maria Adelaide de Sousa Amaro, Cecilio da Costa Galdino, Francisco Amaro, José Cyrillo, André Vasella, Maria da Paula, Adelaide da Silva Castro Barredo, João Luiz Dias, Maria da Conceição e Silva, José Maria Passanha de Mendonça Parado, Mariana Joaquina da Silva, Adelfino Augusto Pereira de Gama, Eduardo Frederico Pereira de Melo, José da Costa Cardoso, A. de Jesus Soares, Augusto Alves, Joaquim de Parilhaco, João Macieira, João Tavares da Silva, Domingos Fernandes, José Antonio de Ipa, Joaquim Baptista, Alfredo Duarte (Arma), José Augusto da Cunha, Luiz Estevão Junco, Manoel José Gonçalves, Antonio Xavier Roque, Rev. Manoel Antonio Almeida, Hilário de Azevedo, Maria da Durães Machado, viúva de Julio Cesar Machado, Henriqueta Augusta Coelho, José Felix Bastas, Guilhermina Rosa Duarte, Maria da Cunha Fontoura, Felisberto de Vago, Maria da Conceição Fernandes Flamengo, Antonio Xavier Roque, Maria do Carmo Ventura, Antonio Landino Resende Junior, Joaquim Antonio Viana, Manoel Joaquim Barbosa Netto, Manoel Tavares do Pinho, Manoel Joaquim Rodrigues, Meia Lhamel, Eduardo Pires da Silva, D. Jozina Branca de Vasconcelos e Sá Correio Neto, Julio d'Almeida Machado e Genevieve Rita de Jesus Maria, Thezera de Jesus Sousa, Esperanca da Saud de Constante, Cyrillano Henrique Galbal da Costa, Klia Gouletta Kaniara, Padre João Manoel Monte, Lino de Barros Faria, José Marques.

Porto — Antonio Mendes Carvalho, Augusto Pereira Cesar Soares, Emilia Amalia Sousa Teires, João Ferreira Bastos, Carlota Amalia de Silva Grillo, Manoel da Costa Macedo, Maria Encarnação da Conceição Pinto.

Braga — Antonio Augusto Oliveira Braga, Elias de Carvalho, Jacintho José Marques, Francisco José d'Almeida, Manoel Antonio de Almeida, Bernardo dos Loucos, Maria da Durães da Expectação Moreira.

Coimbra — José Bento, Luiz José Maria. Cascaes — Antonio de Almeida, Felisberto de Vago, José Freixo — Padre Antonio do Campo, Antonio Pereira Soares-Franco — Ernestina Geráldez da Cunha Tejada Letty Bret.

Almada — Pedro d'Almeida, Filippe Jorge. Abrantes — Manoel da Conceição Campos.

Cearense — Bernardo dos Loucos Brito.

Anadia — Dr. José Xavier de Sousa.

Akansas — Joaquim Ferreira a mais.

Cerd — José Pedro.

Abrantes — Maria Francisca Simões.

Barreiro — Zacharias de Sousa Miranda.

Pernambuco — José Antonio de Almeida.

Lisbo — Dr. José Xavier Correia de Melo.

Ferreira do Zazere — Antonio da Costa.

Funchal de Terceira — Alvaro Dias Carneiro Galmirães.

Marco de Canavezes — Dr. Joaquim d'Almeida Pereira.

Sethal — João Victorino d'Oliveira Junior, Henrique Trindade.

Madeira — Maria Suzanna de Carvalho.

S. Paulo de Cacem — Costa d'Aviz.

Melhadal — Dr. José Xavier d'Aguiar.

Fonte de São — Arnaldo Augusto Lopes Curdeiro.

Linha — Francisco Malhadas Mendes.

Freguesia do Torrião — Manoel Ferreira, communicante.

Gondomar — Antonio de Carvalho.

Eivas — Maria Rosa Cruz.

Gouveia — Antonio Augusto Pires.

Gumiarães — Nicoláo José Gonçalves.

Pereira da Varzim — Luiz Bernardo Alves, Luiz Gomes Loureiro.

Aldegalaga — Beatriz da Conceição Cordeiro.

Santarém — Gustavo Cesar d'Oliveira.

Amaral — Dr. Antonio de Amorim Soares de Azevedo.

Turres Novas — Cyrillano Raymondo Noment.

CAPAS PARA O «BRASIL-PORTUGAL»

A Empresa encarrega-se de fornecer aos assignatarios do *Brasil-Portugal* capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empresa, 18200 réis cada volume.

No Brasil custa cada capa 50000 réis. Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração, Rua de S. Roque, 125, ou ás agencias do *Brasil-Portugal*.

VINTEIOS VILLAR D'ALLEN CHAMPAGNE VINHOS DE-PORTUGAL

Da Real Companhia Vinicola do Norte-de-Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONCALVES & C.

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

O CARTAZ DA QUINZENA



D. Maria.—A primeira representação da *Segunda mulher de Tanqueray*, cuja distribuição demos no ultimo numero, está marcada para uma das primeiras noites de Dezembro, mas antes d'isso haverá uma *repise* da engraçadissima comedia de Marcelino Mesquita de *Peraltas e Secias*, para reaparição da notavel actriz Virginia, depois da gravissima doença que a affastou da scena perto de dois annos.

Depois entrará em ensaios o *Enigma*, de Paul Hervieu, que em Paris teve um verdadeiro successo, e que a acompanhará em scena os *Romanescos*, de Rostand.

Tambem entrou em ensaios a comedia em 1 acto original do sr. Alfredo Gallis, *O algôz*, cuja distribuição é a seguinte:

Dr. Recardo	Cardoso Galvão
Lewigildo	Fernando Maia
Goswinth	Amelia Vianna
Brunhilda	Luz Velloso

D. Amelia.—As recitas do celebre actor Ermete Zacconi commecam a 27 d'este mez.

São os cinco primeiros com os—*Desheustos*; *Espectros*; *Pão alheio*; *Almas so istarias* e *Poder das Trevas*.

E provavel que outras tres recitas se deem extraordinarias e entretentam a Companhia Rosas & Brasão continúa o seu repertorio no norte, devendo voltar a Lisboa para representar a *Sorte* e a *Corrida do Facho*, e para ensaiar as peças originaes que já tem e entre ellas as *Victimas* que Ma rcellino de Mesquita acaba de entregar.

Trindade.—Tem em ensaios para beneficio da actriz Izaura: *Cresça de 50 annos*, comedia em 2 actos, distribuida assim:

Braz	José Ricardo
André	Francisco Costa
Carlos	Govasio
Pedro	Firmino
José	Gomes
Maria	Delina Victor
Joanna	Izaura Ferreira

Romão & C.ª, opera em 3 actos:

Lola	Izaura Ferreira
D. Custodia	Amelia Barros
Helena	Estephania
João Fernandes Amado	José Ricardo
Romão	Gomes
Julião	Gervasio
D. Pedrinho	Augusto
Rufina	Rosa

Gymnasto.—Depois do Sr. Tenente, e alem das peças já aqui annunciadas entra em ensaios, para a festa da actriz Adelaide Coutinho *Os Ventidos*, original do sr. Ernesto da Silva.

Armando	Soller
Ansimo	Ignacio
Alfredo	Telmo
Abel	Annibal Pinheiro
Luiza	Adelaide Coutinho
Augusta	Barbara
Gabriella	Izabel Berardi
Hortense	Palмира Torres
Maria	Adetina Soller

Rua dos Condes.—A seguir á primeira representação da *Dona Juanita*, entra em ensaios a revista do anno intitulada *Na Ponta da Unha*.

Avenda.—Vão acabar os espectaculos da actual companhia, reaparecendo no fim do mez a companhia que Sousa Bastos levou a Brasil, e que vem com todo o repertorio que lhe deu ali tantas noites de gloria, fazer epocha em Lisboa. Debuta com a *Boneca*, e entre as peças novas, que no Brasil mais agradaram conta-se o *Capitão Thereza*, de Hisson, traducido pelo sr. Eduardo Garrido e Sousa Bastos e com musica de Pianquette, assim distribuido:

Duvel, notario	Alfredo de Carvalho
Philipe de Bellegarde	Correia
Sombreiro, coronel	Gomes
Tancredo de la Huche	S4
Marquez de Verdeuil	Santos Junior
O capitão Bouliqnac	Amarel
Campastro	Rebocho

O major	Roldão
Thereza de Verdeuil	Palmyra Bastos
Hermínia	Francisca Martins
Marcelina	Gabriella Lucey
Margot	Carolina Santos
Claudina	Elvira de Jesus
Dionisia	Dolores
1.ª dama	Julia Correia
2.ª dama	Beatriz Santos

Príncipe Real.—A primeira peça a subir á scena é *As duas irmãs*, traducido do sr. Eduardo Garrido.

Huberto	Verdial
João	Ramalheite
O conde de Rosay	Setta da Silva
Taloisseau, pastor	Peixoto
Toussaint Parmentier	Torres
Baupicoche	José Baptista
O major	Augusto Machado
Lidoro	João Lopes
1.º gendarme	Ferreira
2.º gendarme	Frederico
Fulgencio, dono d'um café	Soares
Cesar, creado de Carlota	Monteiro
Carlota Mathey	Adelina Ruas
Yvette, sua irmã	Amelia Pereira
Ludovins	Julia de Assumpção

Segue-se depois *O supplicio de um pae*, de Dumas, traducido do sr. Luiz Galdardo:

Rubberg	Joaquim de Almeida
Aldeu	Setta da Silva
Fernando	Ramalheite
João Aldeu	João Lopes
Barão de Stevens	José Baptista
Theodoro	Peixoto
Salomão	Machado
Helena Rubberg	Adelina Ruas
Senhora Rubberg	Carlota Fonseca
Uma criada	Elisa Santos

Infante.—O *Santo Antonio* é o Santo, e a enchente a senha d'este theatro. A oratoria de Baz Martins em miniatura é um encanto. Ver-se-ha.

Colyzen dos Beccelos.—*Fakir* e tantas notabilidades que tem produzido sensação tudo ficará a perder de vista com os *Ursos*. Estes provavel que não é para extranhar o que muitos collegas d'elles, homonymos nossos, fazem por ahi.

Real Colyzen.—Barat! Barat! Barat! E barateando vende tudo...

—Que succedea? que é isto? pergunt u elle com interesse.

—Uma coisa terrivel, sr. D. Theodoro. Estou pensando nas maldades que o mundo tem.

—Maldades? quaes? Pois ao pé de si pode haver maldades?

—Coisas perversas... uma sobretudo...

—Qual?

—A ingratiidão. E indicando a matta, accrescentou: Fugiu por ahi.

Depois subiu a uma elevação de terreno e ex plorou o horizonte.

—Não a vejo, disse.

Nem eu, exclamou Theodoro, rindo. Trata-se de uma borboleta, não é verdade? Razão teve seu pae em dizer que a sua Florentina é muito apaixonada por essas caçadas. Effectivamente essas bregueiras são umas ingratas não se deixando aprisionar por essas miolinhas.

—Não se trata de borboletas; doutor. Vae para Aldeacôrba?

—Não vou. Venho. Mas para ter o prazer de a ouvir acompanhada a si. Vamos lá até Aldeacôrba. Sou tudo ouvido...

XVIII

Nela decide-se a fugir

Marianela vagueou durante todo o dia e á noite rondou de perto a casa de Aldeacôrba, mas

Perez Galdós

O CEGO

Versão livro de LORJÓ TAVARES

XVI

A promessa

—Amo... adoro... repetiu ella, beijando-lhe os pés... Mas não posso, não posso...

—Não podes o quê? Levanta-te pelo amor de Deus!

Florentina estendeu-lhe os braços, mas Nela pôz-se em pé de um salto e, affastando-se para longe, exclamou banhada em lagrimas:

— Não posso! Não posso!

—Vem cá Nela. Que tens tu?

— Não posso ir lá...

E estendeu o braço na direcção da casa de Aldeacôrba, cujo telhado apparecia ao longe por entre tufo de verdura.

—Porquê?

—Sabe-o a Virgem Santissima. Que ella a abençoe...

E, pondo dois dedos em cruz, beijou-os. Era uma formula de juramento. Florentina deu um passo para ella, mas Marianela correu ao seu encontro, e recostando na a cabeça no peito, murmurou entre soluços:

— Pelo amor de Deus, dê-me um abraço: Florentina abraçou-a com ternura. Mal a tinha abraçada, Nela affastou-se de novo, dando um salto rapido, e embrenhou-se no matto proximo.

—Nela! minha irmã! bradou Florentina com angustia.

—Adeus! respondeu Nela, encarando-a pela ultima vez.

E desapareceu entre as estevas. Durante alguns segundos Florentina applicou o ouvido. Mas apenas lhe chegou o som da herua que estalava, pisada pela fugitiva. Depois tudo recaiu no silencio e apenas se ouvia o eterno e vago monologo da Natureza...

Immovel, aborta e muda, Florentina sentia-se presa de grande inquietação. Tinha ella dado conta aquella fuga implacavel? Mas esta pergunta ficava sempre sem resposta.

Por muito tempo conservou-se no mesmo sitio, cabalheira, pallida e chorosa, e assim permaneceria, se não fosse surpreendida por Theodoro Gólfim que descia de Aldeacôrba. Grande foi o assombro do medico ao vela triste e desconsolidada, o que lhe imprimia á physionomia novos encantos.

evitando ser vista e afastando-se mal sentia rumor de passos. Desceu ao valle da *Terrivel*, cujo aspecto triste a attraia e por lá andou contemplando os cellulosos de pedra que se erguiam immovéis. Depois trepou a um dos mais altos para de ahí avistar as luzes de Aldeacoba. Ellas lá estavam brulheando no topo das minas, pa escuridão do céu e da terra. Nela ficou um instante a vê-las. Depois afastou-se da *Terrivel* e subiu para a *Trascava*. A meio caminho parou. Sentira ruido de passos. De ali por momentos avistou o sr. de Celipin que vinha pelo atalho fóra, andando a grandes e firmes passos. Ao homem trazia um pau e no extremo uma trouxa. Dir-se-ia ao vê-lo que a intenção inabalável do caminhante era não parar antes de medir com as suas pernas toda a grande extensão da terra.

— Para onde vaes, Celipin? perguntou Nela, pondo-se-lhe na frente.

— Olé! por cá! julgava-me que estivessem em casa da menina Florentina, comendo presuntos, perdés, e perdizes e bebendo refrescos com caramélos. Que fazes por aqui?

— E tu para onde vaes?

— Que pergunta! Sabes tão bem como eu! exclamou elle encostando-se ao pau. Bem sabes que vou estudar e ganhar dinheiro. Não te disse que havia de ser esta noite? Aqui me tens mais alegre que um passarinho no meio de uma nadinha triste quando penso nas lagrimas que o pae e a mãe vão chorar. Nossa Senhora protege-nos, Nela. Esta noite, lá em casa, o pae e a mãe começaram a roncár mais cedo, e eu que já tinha a trouxa prompta, trepei até á fresta da cozinha e saí-lhe... Agora é preciso saber se queres vir comigo.

— Vou, respondeu a raparigueta com ar resolutivo, agarrando-se ao braço do intrepido viajante.

— Mettemo-nos no comboio e vamos até onde podermos, respondeu Celipin, tomado de entusiasmo. Depois pediremos esmola até chegarmos aos *Madrades* do rei de Hespanha, e, uma vez lá, tu pôs-te a servir n'uma casa de marquezes e condés e eu em outra. D'esta maneira eu estudarei e tu aprenderás muitas finuras. Caramba! Do que eu fôr aprendendo te ensinarei um pouquinho, um pouquinho só, porque as mulheres não precisam de tantas sabedorias como nós os senhores médicos.

Os dois, á proporção que iam, tinham-se posto a caminho, estendendo o passo como se já lhes apparecessem no horizonte as torres dos *Madrades* do rei de Hespanha.

— E' melhor deixar o atalho, disse Celipin, dando provas n'esse momento de um grande talento pratico. E' melhor, é, porque se nos encontram agarrar-nos e apanhamos uma sova. Mas Nela largou o braço do seu companheiro de aventuras e, sentando-se n'uma pedra, murmurou com tristeza:

— Eu não vou.
— Essa agora! Bem se vê que não tens como eu um coração do tamanho d'esses pedregulhos da *Terrivel* exclamou Celipin com ares fanfarrões. Caramba! Aposto que tens medo! Porque é que não queres vir?

— Eu... para quê?
— Não te lembras do que disse o sr. D. Theodoro? Os que aqui se criam tornam-se pedras com o tempo... Ora eu não quero ser pedra. Isso é que não!

— E eu para que hei de ir? disse Nela com desanimo profundo. Para ti ainda é tempo. Para mim é já tarde.

Deixou pendér a cabeça sobre o peito e assim ficou absorta sem ouvir a eloquente verbosidade do futuro *Hypocrites*. Mortificava-a, a ideia de se afastar d'aquelles sitios em que a mãe dormia o ultimo somno.

A formosura d'aquella região, a que se sentia ligada como que por uma especie de parentesco, os dias felizes, poucos, ahí d'acordos, a sua propria miséria, as saudades que levaria do cego, o seu velho amigo, e das horas alegres passadas nas matas e na fonte de Saldeoro, os sentimentos de admiração ou de sympathy, de amor ou de gratidão nascidos perante aquellas mesmas florestas, perante aquellas mesmas arvoredos frondosos, e penhascos avermelhados, eram outras tantas raizes moraes que ella não poderia quebrar sem que uma dôr vivissima a despedaçasse.

— Não vou, murmurou ella. Fico... N'este meio tempo Celipin falava, falava sem descanço, como se, tendo attingido já os pincares da sua carreira, pertencesse a todas as academias havidas e por haver.

— Voltas então para casa? perguntou elle, vendo que a sua frequência era tão inútil como a de aquelles centros officiaes do saber humano.

— Não.

— Vaes para a casa de Aldeacoba?

— Não.

— Então vaes para a aldeia da menina Florentina?

— Não.

— Meus caramba! para onde é que tu vaes?

— Nela não respondeu, e continuou a cravar os olhos, muito abertos, no chão, como se no chão estivessem espalhados os fragmentos da cousa mais bella e mais rica do mundo, despedaçada a seus pés.

— Pois então, disse Celipin, já fatigado de tanto palavrório inefficaz, deixo-te e parto. Nada, que podém agarrar-me...

— Queres uma peseta, para o que d'eres e vier?

— Não, obrigado. Não quero nada.

— Comporta-te bem e não te esqueças de Socartes, nem dos teus.

O intrepido viajante sentiu o que quer que fosse pouco em harmonia com o sentir de Elle respeito palavrório inefficaz, deixo-te e parto. Nada, que podém agarrar-me...

— Esquecer-me de Socartes! Pôde lá ser, mulher! Não me esquecerer nem dos meus, nem de ti, a quem tanto devo. Adeus, Nelsinha... Ouço passos...

Celipin levantou o pau com uns ademanes que bem provavam a boa tempera da sua alma para afrontar os perigos do mundo. Mas Celipin não ponde provar d'esta vez a sua valentia. Era um cão que chegava.

— E' o *Choto*, disse Nela, tremendo.

— Adeus! murmurou Celipin.

E pôz-se a caminho, desaparecendo em breve nas sombras da noite.

A geologia perdera uma pedra. A sociedade ganhava um homem.

Nela sentiu calafrios ao vêr-se acariciada pelo *choto*. O generoso animal, depois de alguns saltos em torno de Nela, ganhando como se fallasse, deitou a correr na direcção de Aldeacoba.

Dir-se-ia que seguia a pista d'uma peça de caça. Ao contrario de certos oradores, *Choto* ladrando falava.

Exactamente a essa hora, Theodoro Golphin saía de casa dos *Penáguila*. *Choto* saltou-lhe á frente e disse-lhe ataralhadamente: «Se saberes bem o quê. Era como que uma interpegação brusca, encortecada pela fadiga e em que havia qualquer cousa de sentido.

Theodoro, que conhecia muitas linguas, era pouco forte na lingua canina, e não fez caso.

Mas o cão deu umas poucas de voltas em torno do medico, saltando da bocca espuma de uma especie de insultos, que ora eram cariciosos, ora ameaçadores.

Theodoro Golphin parou então, olhando attentamente para *Choto*, que, vendo que se tinha feito comprehender, deitou a correr em direcção opposta á do que o medico seguia.

— Pois vamos lá, disse Theodoro.

E seguiu atraz d'elle.

Choto voltou correndo, para se certificar de que era seguido, e logo se afastou velozmente. A uns 100 metros de Aldeacoba, Golphin ouviu uma voz, que dizia:

— Que queres, *Choto*?

Logo suspeitou que fosse Nela. Parou, e pôz-se a escutar, occultando-se sob os ramos de uma arvore. Não tardou que engerasse uma sombra, que, afastando-se do muro, deslizava lentamente.

A escuridão não permitia que elle a visse distinctamente. Seguiu-a por isso a distancia, saindo do atalho e andando sobre a relva que suffocava o ruido dos passos. Devia ser Nela. Reconheceu-a por fim, quando a raparigueta entrou n'um espaço aberto, onde o arvoredor não projectava sombras. Ao chegar ahí, Nela estugou o passo e por fim deitou a correr. Golphin correu tambem. Pouco depois Nela sentou-se n'uma pedra, a dois passos do abysmo da *Trascava*, que se escancarava aos seus pés, negro e terrivel nas trevas da noite. Golphin esperou e foi-se approximando pouco a pouco. *Choto*, em frente de Nela, estava sentado, mãos espedaçadas muito directas, e cravando na rapariga o olhar intelligente, ao passo que Nela olhava para o precipicio...

De subito ergueu-se e começou a descer com rapidez. Não corria, resvalava. Ao vel-a desaparecer, Theodoro, de um salto, chegou á beira do abysmo e bradou com voz forte.

— Nela! Nela!

Olhou mas nada viu lá em baixo. Apenas ouviu os latidos de *Choto* que corria pela vertente, descrevendo espiraes, como se fôr arrastado por uma enxurrada. Theodoro tentou descer e deu alguns passos cautelosamente. Tornou a chamar por Nela, e ouviu então uma voz que vinha debaixo:

— Senhor...

— Sobel! sobe immediatamente! Mas não respondeste.

(Continúa.)

A falta absoluta de espaço obriga-nos a deixar para o proximo numero, artigos, noticias e annuncios.

CANDIGIROS

Em todos os generos

Canalizações para agua e gas

Tubos de chumbo, borraça, lona, latão e ferro
Louça de ferro esmaltado
Retretes de varios systemas
Objectos proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23. 24

LISBOA

BRASIL-PORTUGAL

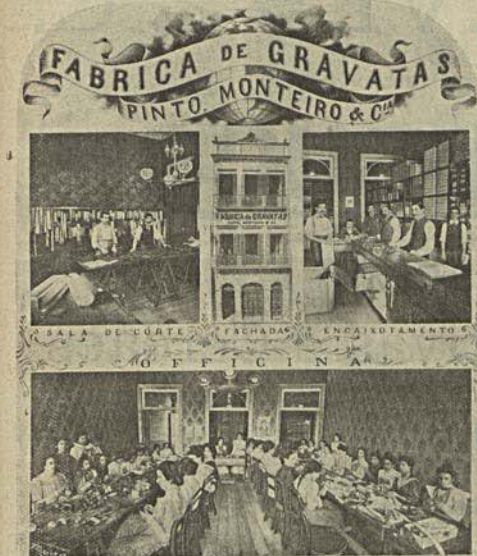
REVISTA ARTISTICA E LITTERARIA

Sabindo todos os dias 1 e 16 de cada mez

R. de S. Roque, 125, 1.º

LISBOA





Exportadores para todos os Estados do Brasil
 Agências instaladas em todos os Estados
 AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS
 PINTO MONTEIRO
 Caixa da Correia—691

101, RUA DO HOSPICIO, 101
 RIO DE JANEIRO

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

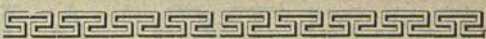
Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo em 0 de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta, ordinarias, a prazo de 3 %, e commissoes de 1/4 % de 1 a 2 annos. Depósitos: necessitam-se a prazo, ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 %, ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 % á 6 e 4 %, ao anno. Propriedades: a Companhia tem suas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installado uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edicões da Empresa Editora de Arthur da Silva, Rua dos Donadores, 72, Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL.—C. Cantus—Desde a creação do mundo até á nossa epocha. Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, in-8.º gr., 2.ª edição, com 5 650 pag. e 81 gravuras, br..... 150.000
 Em encad. inteira..... 250.000
 OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1848 á 1878.—C. Cantus—Versão pelo visconde de Castilho.—in-8.º, com 314 paginas e retrato do autor, br..... 500
 Em encad. inteira..... 500
 DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.—d. José M. A. A. G. de Leitura. Dictionario de synonymos. Vocabulario da lingua Brasileira, ou Typo—Vocabulario do dialecto Guarany, 2 vol. in-folio, 5.ª edição, com 2140 pag. ric. int..... 125.000
 HISTORIA DAS PERSEGUICÓES POLITICAS E RELIGIOZAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade média até aos nossos dias—Verdade do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8.º, com 1245 pag. e 12 grav., ric. int..... 150.000
 Em 1/2 encad. franceza..... 150.000

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRASIL).—Sebastião da Rocha Pitta—Desde o anno de 1500 até o de 1724.—Revista e annotada por J. Gomes Goes, in-8.º grande, 2.ª edição de luxo 420 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch..... 2700
 Em 1/2 encad. franceza..... 1200
 RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL.—Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Buzanos—2 vol., 2.ª edição de luxo 420 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch..... 2700
 Em 1/2 chagrin, capa especial..... 3000
 O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA.—d. Miguel de Cervantes Saavedra—Versão do Visconde de Benalcázar, 2 vol. in-8.º com 1121 pag., e 31 grav., broch..... 2500
 Em 1/2 encad. franceza..... 2500
 OS SERITOS D'AFRICA.—Alfredo Sarmiento—Apontamentos de viagem, in-8.º, com 251 pag. e 15 grav. e 1 mappa do Annibál, br..... 500
 Em 1/2 encad. franceza..... 500



Agencia Financial DE PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO
 SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



Vierling & C.ª Lim.ª

44, 46, R. do Arsenal—Pelourinho, 1, 2 e 3

Compram e vendem nas melhores condições:

- Notas dos Bancos de Hespanha, França, Inglaterra, Allemanha, etc.
- Fundos do Governo Portuguez, Ouro portuguez, Dinheiro Estrangeiro
- Obrigações do Credito Predial e acções e obrigações de Companhias
- Coupons (juros) vencidos e a vencer, nacionaes e estrangeiros
- Transferecias de dinheiro para o Porto
- Saques sobre as principaes terras de Hespanha

LOTERIAS E TABACOS



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições de Londres, 1862; Porto, 1865 e Paris 1867 e 1875



ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERÇIO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, roldas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
 JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR—Porto



PINTO ALVES & C.^A

(Casa fundada em 1870)

PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES



VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

MENÉRES
& Comp.^a

PORTO





ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

[Recebe e satisfaz encomendas para o Brazil e Africa com grande desconto]

↔ Sempre as ultimas novidades ↔

RUANDA ALECRIM, 111, 1.^a

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

A EQUITATIVA

Dos Estados Unidos do Brasil

SOCIÉDDE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: Rua da Candelaria, 7—Rio de Janeiro

FILIAL EM BELEM DO PARÁ—SUCCURSAL EM MANAOS

Auctorizada a funcionar pelos Decretos n.ºs 2.245

de 23 de Março de 1896, 3.272 de 8 de Maio de 1899 e 3.304 de 30 de Maio do mesmo anno

SEGUROS SOBRE A VIDA

O seguro de vida na EQUITATIVA representa para o rico um excelente meio de preparar o dote dos seus filhos, assegurando-o desde logo, se fallecer prematuramente; para o pobre é a melhor garantia para o amparo da sua familia se fallecer dentro do prazo do seu contracto e, para si, um optimo arrimo para sua velhice se sobreviver.

Os contractos da EQUITATIVA, no fim de tres annos, não caducam mais por falta de pagamento dos premios, apenas o seguro fica reduzido proporcionalmente ás prestações já pagas pelo segurado.

Toda a pessoa previdente deve possuir uma apolice da EQUITATIVA porque, em suas numerosas combinações da seguros de vida, estão previstos todos os actos de previdencia mediante os quaes, com modica contribuição annual, semestral ou mesmo mensal, o rico e o pobre podem garantir-se a si e aos seus contractados das vicissitudes da existencia.

A EQUITATIVA, roga ás pessoas que lerem este annuncio que examinem com attenção os seus estatutos, tabellas e relatorios que são encontrados em Manaos nas mãos do seu representante o sr.

Antonio Ferreira de Andrade

o qual lhes prestará tambem todos os esclarecimentos e informações que desejarem sobre esta utilissima instituição.

Rua Henrique Martins, 27. MANAOS

Oliveira, Costa & C.^a

CASA DE COMMISSÕES

Endereço telegraphico:

OLIVIANNA

Caixa do correio—175

PARÁ

Rua 15 de Novembro, 5



CESAR A. PAIVA

CIRURGIÃO DENTISTA

DE

SUAS MAJESTADES E ALTEZAS

CONSULTÓRIO

R. do Arsenal, 100, 1.^o

LISBOA

VEADO

ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

ESTAB. V. & C. VEADO
Capital social 1.000.000 REIS
Inscrição nº 100000 REIS
Do qual se pagou de 1884 até 1895
RENTES LÍQUIDAS 2.000.000 REIS
Deposito em nome do estabelecimento de que se trata.
Logo para ALIQUOTAR A. L. Mano Hermínio
O estabelecimento tem em 1914 um officio exclusivo para a fabricação de cigarros e tabacos com o objecto de proporcionar de qualquer tempo a venda. D. TRANSPORTES — Rua do Prata, 14, 1.^o — LISBOA

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

9, Rua das Flores — Largo do Quintal

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

JOÃO BASTOS & C.^{TA}

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.^o

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

2220 (Rua de St.^o Antonio, Rua 24 de Dezembro, 39)

Estabelecimento dentro do mesmo prédio. Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congêneres do estrangeiro. Vende de todos os artigos indispensaveis.

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.^o CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

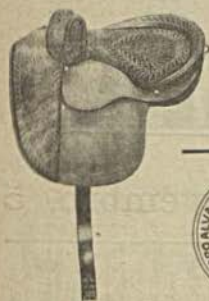
FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz—RIO



Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
[de qualquer qualidade]



COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação
de couros, e de
todos os artigos
para
[selleiros, correeiros,
segeiros]
e sapateiros



Casa filial—S. PAULO